

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA

**Cidadania e Multiétnicidade:
a Noção de Pertencimento e as Arenas Militares
na Escrita de Xenofonte**

Eduardo Alves Garcia

Porto Alegre

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA

**Cidadania e Multiétnicidade:
a Noção de Pertencimento e as Arenas Militares
na Escrita de Xenofonte**

Eduardo Alves Garcia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Comissão de Graduação do Curso de História -
Licenciatura da Faculdade de História da
UFRGS como requisito parcial e obrigatório
para a obtenção do título de Licenciado em
História.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas

Porto Alegre

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, que sempre mostrou interesse por este trabalho, assim como pelo resto das coisas importantes da minha vida.

Também aos meus colegas de trabalho do CSTI, que ouviram muito sobre retórica, mesmo que involuntariamente.

Não poderia esquecer o Allejandro, a Ket e a Carol – os quais, por conveniência, sorte ou acaso constituem uma família para mim e que acompanharam de perto minhas noites em claro na formulação deste trabalho.

Também ao meu orientador, pelo auxílio e pela inspiração e à minha tia Carla que de forma muito disposta me auxiliou com todo esmero, não poupando esforços – mesmo que de tão longe – em me dar o amparo que precisei com urgência.

Por fim, um agradecimento especial para Amanda, meu grande amor – com quem compartilho a paixão pelas letras e pelo absurdo e quem me proporcionou apoio incondicional na elaboração desta pesquisa, revisando todo o trabalho e me auxiliando ao longo da produção deste. Devo a realização deste trabalho principalmente ao seu carinho, que sempre me serviu de estímulo para continuar.

RESUMO

O presente trabalho tem a finalidade de determinar a noção de pertencimento comunitário recorrentes nas arengas militares presentes na escrita de Xenofonte (430–354 a.C). Tal estudo utiliza como método a comparação entre as arengas dirigidas para um auditório composto por membros pertencentes a comunidades que possuem em seu sistema valores a cidadania e as arengas voltadas para um auditório multiétnico, com membros provindos de diversas culturas. É aplicada uma análise retórica comparativa entre duas obras de autoria de Xenofonte: *Anábase* e *Ciropedia*. O emprego de tal metodologia consiste em destacar diferenças técnicas, como artifícios retóricos, e identificar núcleos argumentativos para discernir nas diferenças a influência da noção de pertencimento nos discursos. A importância da retórica nesta pesquisa também se atribui ao fato de que a tradição historiográfica do mundo antigo é composta com bases em tal arte da persuasão, que influenciara a literatura da época.

Palavras-chave: arenga militar; Xenofonte; retórica; historiografia

ABSTRACT

This research aims to determine the notion of belonging in a community recurrent in pre-battle speeches present in Xenophon's (430-354 BC) texts. The method used in this study is a comparison between pre-battle speeches addressed to an audience of members belonging in a community who share the same value system and same citizenship and the pre-battle speeches addressed to a multi-ethnic audience, where members come from different cultures. It applies a comparative analysis of the rhetoric between two of Xenophon's writings: *Anabasis* and *Cyropaedia*. The method consists of pointing out technical differences, such as rhetorical artifices; identifying the crux of the arguments in order to discern in the speeches, especially with their differences, the influence of the notion of belonging. The importance of the rhetoric in this research is also due to the fact that the historiographic tradition of the Ancient World is based in this art of persuasion, which influenced the literature at the time.

Keywords: pre-battle speeches; Xenophon; rhetoric; historiography

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Arengas Militares da <i>Anábase</i>	37
Tabela 2 – Arengas Militares da <i>Ciropedia</i>	59
Tabela 3 – Arengas Militares da <i>Hellênicas</i>	67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 HISTÓRIA, RETÓRICA E O DISCURSO DE EXORTAÇÃO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA.....	14
2.1 A Retórica.....	14
2.2 Retórica e Historiografia.....	19
2.3 As Arengas Militares na Tradição Historiográfica.....	20
3 XENOFONTE E A FORMAÇÃO DOS VALORES GREGOS DE SEU TEMPO.....	23
3.1 Xenofonte.....	23
3.1.1 <i>Obras com Narrativas Históricas</i>	25
3.1.1.1 Anábase.....	26
3.1.1.2 Ciropedia.....	26
3.1.1.3 Hellênica.....	27
3.2 Coletividade Grega e Formação do Modelo de Cidadania na Grécia.....	28
3.3 Identidade Helênica.....	30
3.4 Cultura Militar.....	31
4 ANÁBASE E CIROPEDIA: DUAS OBRAS EM ANÁLISE.....	33
4.1 Considerações Sobre o Método.....	33
4.2 As Arengas Militares na <i>Anábase</i>	36
4.2.1 <i>Arengas I e II – Anábase (1.7.3-4) (1.7.6-7) – Tipo 1 – Emissor: Ciro</i>	38
4.2.1.1 Considerações a respeito das arengas I e II – Anábase.....	39
4.2.3 <i>Arenga III – Anábase (1.8.12) – Tipo 4 – Emissor: Ciro (Estilo Indireto)</i>	40
4.2.4 <i>Arengas IV e V – Anábase (3.1.15-26) (3.1.35-45) – Tipo 1 – Emissor: Xenofonte</i>	41
4.2.4.1 Considerações a respeito das arengas IV e V – Anábase.....	43
4.2.5 <i>Arengas VI e VII – Anábase (3.2.2-3) (3.2.4-6) – Tipo 2 – Emissor: Quisríssofo/Cleanor</i>	44
4.2.5.1 Considerações a respeito das arengas VI e VII – Anábase.....	45
4.2.6 <i>Arengas VIII e IX – Anábase (3.2.8-32) (3.2.34-39) – Tipo 2 – Emissor: Xenofonte</i>	45
4.2.6.1 Considerações a respeito das arengas VIII e IX – Anábase.....	49
4.2.7 <i>Arenga X – Anábase (3.4.46) – Tipo 4 – Emissor: Xenofonte</i>	52
4.2.7.1 Considerações a respeito da arenga X – Anábase.....	52
4.2.8 <i>Arenga XI – Anábase (4.8.14) – Tipo 4 – Emissor: Xenofonte</i>	53
4.2.8.1 Considerações a respeito da arenga XI – Anábase.....	53
4.2.9 <i>Arenga XII – Anábase (5.4.19-21) – Tipo 2 – Emissor: Xenofonte</i>	54
4.2.9.1 Considerações a respeito da arenga XII – Anábase.....	54
4.2.10 <i>Arenga XIII – Anábase (6.3.12-18) – Tipo 2 – Emissor: Xenofonte</i>	55
4.2.10.1 Considerações a respeito da arenga XIII – Anábase.....	56
4.2.11 <i>XIV – Anábase (6.5.23-4) – Tipo 4 – Emissor: Xenofonte</i>	56

4.2.11.1	Considerações a respeito da arenga XIV – Anábase.....	57
4.2.12	<i>Análise Geral dos Discursos de Exortação na Anábase.....</i>	57
4.3	<i>Arengas Militares na Ciropedia.....</i>	58
4.3.1	<i>Arenga I – Ciropedia (1.5.7-14) – Tipo 1 – Emissor: Ciro, o Grande.....</i>	61
4.3.1.1	Considerações a respeito da Arenga I – Ciropedia.....	63
4.3.2	<i>Arenga VIII - Ciropedia (6.5.23-4) – Tipo 4 – Emissor: Rei dos Assírios.....</i>	65
4.3.2.1	Considerações a respeito da Arenga VIII - Ciropedia.....	65
4.3.3	<i>Arenga XV – Ciropedia (7.1.10-14) – Tipo 4 – Emissor: Ciro, o Grande.....</i>	66
4.3.3.1	Considerações a respeito da Arenga XV – Ciropedia.....	66
4.3.4	<i>Arenga IV – Hellênica (7.1.30) – Tipo 4 – Emissor: Arquidamo.....</i>	67
4.3.4.1	Considerações a respeito da Arenga IV – Ciropedia.....	67
4.4	O Gênero Epidíctico e Deliberativo das Arengas Militares nas Obras de Xenofonte.....	68
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73

1 INTRODUÇÃO

A oratória grega é parte fundamental da cultura do mundo clássico, tendo papel na base dos métodos persuasivos da linguagem que se mantêm ainda nos dias de hoje. A prática da oratória, muito presente nos aspectos da vida pública das *poleis* a partir do século V a.C, com o intuito de persuadir outros cidadãos a adotar determinados projetos políticos ou resolver contendas judiciais, também encontra destaque nos campos de batalha, nos quais os generais, diante de seus exércitos, realizavam um discurso motivacional às tropas a fim de enaltecer sua moral, buscando desta forma um melhor rendimento bélico diante do inimigo.

Ainda assim, a base argumentativa das arengas militares - isto é, tais discursos de exortação articulados previamente ao combate - tende a mudar conforme a especificidade do auditório, visto que sua principal intenção é a de comover os soldados em seu íntimo para motivá-los nas lutas de determinada batalha.

Com tais considerações em mente, é notável que um discurso de exortação proveniente de um general atento reflita significativamente os valores de seus soldados e, muitas vezes, até mesmo da sociedade em que estão inseridos. A análise de tais discursos por meio dos princípios da retórica torna estas características mais facilmente identificáveis, principalmente devido à sua forte presença na tradição historiográfica da antiguidade, pois “retórica e historiografia andam juntos no mundo antigo” (ZOIDO, 2010, p. 216).

Ainda assim, por meio da comparação entre os estudos em torno das arengas militares e dos discursos proferidos em assembleias e tribunais, nota-se um interesse menor pelos discursos de exortação militar, por serem considerados simples e repetitivos. O filólogo Juan Carlos Iglesias Zoido, no entanto, considera estas mesmas características dignas de pesquisa, destacando:

Sin embargo, los hechos muestran que, si tuviéramos que señalar un tipo de discurso presente de manera sistemática a lo largo de toda la historiografía grecolatina, la arenga militar ocuparía por derecho propio una posición muy destacada. Si a ello le añadimos el dato evidente de que, a lo largo de más de un milenio, sus elementos constitutivos se mantuvieron sorprendentemente uniformes en lo esencial, ajenos en apariencia a cambios de época y de mentalidad, su importancia se acrecienta aún más (ZOIDO, 2007, p. 22).

Dentre muitos escritos originários da Antiguidade Clássica que abarcam uma diversidade de arengas em sua composição, destaca-se o conjunto de obras do ateniense Xenofonte (430 – 354 a.C), com seus trinta e quatro discursos de exortação militar. Além de

ser caracterizado como um intelectual do círculo socrático, o autor também se distingue por ter sido um mercenário que teve a seu cargo o comando de tropas, o que, com efeito, transcende a concepção apenas teórica acerca da guerra. Jaeger comenta, sobre Xenofonte:

Como tantos jovens de sua geração, sentiu-se atraído por Sócrates e, embora não tenha chegado a ser contado entre os seus discípulos em sentido escrito, foi tão profunda a impressão que aquele homem lhe causou que, no regresso do seu serviço militar no exército de Ciro, ergueu ao mestre querido mais de um monumento perdurável, nas suas obras. Não foi Sócrates, porém, quem marcou o destino da sua vida, mas sim a ardente inclinação para a guerra e para a aventura, a qual o arrastou para o círculo mágico cujo centro era a figura romântica daquele príncipe rebelde dos Persas, e o levou a alistar-se sob a bandeira do seu exército de mercenários gregos (JAEGER, 2010, p. 1215).

Também é notável que os discursos de exortação presentes na obra de Xenofonte sejam, em boa parte, relativamente extensos, criando uma significativa margem para análise. Ademais, ele é o escritor grego que mais escreveu arengas militares de estilo direto, ou seja, as que expõem as palavras do emissor do discurso em primeira pessoa.

O principal problema de pesquisa deste trabalho, tendo como base tais premissas a respeito de retórica, historiografia e arenga militares, consiste em investigar até que ponto a presença da noção de pertencimento comunitário influencia os discursos de exortação no conjunto da obra de Xenofonte. Em relação à delimitação temporal, é importante destacar que a produção intelectual do autor estudado é datada toda da segunda metade do século IV a.C, o que nos orienta a um contexto de valores da civilização grega clássica a ser considerado no decorrer deste trabalho. O recorte espacial desta pesquisa corresponde ao ambiente das forças políticas que circundavam o mar Egeu, ou seja, principalmente as *poleis* - tanto as democráticas quanto as aristocráticas, da Hélade – e o império persa, que dominava a parte asiática.

Assim, considera-se, como objetivo principal, a busca por examinar a construção da identidade grega por meio da retórica aplicada ao discurso, verificando a noção de pertencimento evidenciada pelos recursos retóricos presentes nas arengas militares gregas reproduzidas em duas importantes obras de Xenofonte: *Anábase* e *Ciropedia*, que compõem o *corpus* de pesquisa. Também tenta-se identificar as formas de construção do saber histórico por meio de análises historiográficas envolvendo a retórica e conceitos clássicos e, no longo prazo, contribuir para o estudo na área da retórica e sua relação com a tradição da historiografia do mundo antigo.

Para tal fim, toma-se como método a comparação entre as arengas dirigidas para um auditório composto por membros pertencentes a comunidades que possuem a cidadania em

seu sistema de valores e as arengas militares voltadas para um auditório multiétnico, com membros provindos de diferentes culturas.

Além disso, este trabalho propõe-se a traçar, com base nos conceitos acerca da retórica desenvolvidos por Michel Meyer, um esquema que forme um padrão na aplicação retórica das arengas militares, comparando sistematicamente argumentos, lugares-comuns e artifícios retóricos utilizados para auditórios formados por cidadãos em contraste com os empregados a um auditório multiétnico.

A respeito do contexto das obras, é possível notar diferentes tramas que reconstituem eventos históricos distintos. Na *Anábase*– obra de caráter autobiográfico escrita por volta de 401 a.C–, uma excursão de mercenários gregos luta ao lado de um príncipe persa com a finalidade de tomar o trono de seu irmão, Artaxerxes. Entretanto, mesmo os gregos tendo vencido o conflito decisivo, Ciro morre na contenda e deixa milhares de gregos desamparados em território hostil. Nesse momento, Xenofonte assume a liderança e guia os soldados de volta à Grécia. Já em *Ciropedia*, escrita em torno de 360 a.C, conta-se a história de Ciro, o Grande, fundador do Império Persa.

A diferença essencial entre tais obras, tendo em vista a constituição dos discursos de exortação, encontra-se na composição do auditório: na *Anábase*, nota-se um auditório formado por mercenários gregos – provindos de diversas *poleis*; e na *Ciropedia*, o auditório é constituído por um exército persa, ou pelo menos não grego, levando em consideração que se trata da visão de Xenofonte sobre uma sociedade não grega – ou bárbara –, sobre a qual a historiografia do mundo antigo tem determinadas limitações.

De maneira geral, este estudo se destaca em importância devido a seu ineditismo no Brasil em três diferentes níveis: o estudo das arengas militares na Antiguidade Clássica no âmbito da relação entre a retórica e a historiografia; a utilização das obras de Xenofonte tendo em vista a proposta da análise de discurso; e a aplicação dos conceitos – relativos à negociação das diferenças – de autoria de Michel Meyer, com a finalidade de relacionar metodologia retórica a noções de identidade, alteridade e pertencimento. Ademais, é de suma relevância situar a utilização da retórica para a construção do conhecimento histórico dentro da tendência que se manteve constante durante todas as fases da Escola dos Annales, ou seja, a interdisciplinaridade¹.Dentre diversas áreas – como geografia e antropologia – que vão

¹ Utiliza-se aqui o conceito de “interdisciplinaridade” voltado para a troca de conteúdos e métodos entre diferentes disciplinas, ultrapassando a segmentação do conhecimento promovida pela multidisciplinaridade tradicional. (SILVA, Kalina Vanderlei e SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos históricos**. Contexto: São Paulo, 2005, p. 238).

tomando importância dentro da realidade da pesquisa histórica desde a primeira geração da *Escola do Annales*, Barros nota que

Um destaque interdisciplinar é também trazido pela Linguística, campo de conhecimentos e práticas que não apenas passa a ser utilizado pelos historiadores como apoio para a análise de seus diversificados objetos históricos, como também começa a ser empregado para uma auto-análise de seu próprio campo de produção de conhecimentos: a historiografia profissional. Para muitos destes historiadores que analisam a própria historiografia, os diálogos com a linguística os levarão a considerar a História como um discurso dotado de estilo, de padrões literários, de singularidades a serem investigadas (BARROS, 2010, p. 22-23).

Tendo em vista tais premissas, fica clara, então, a importância da retórica – estudo que abrange a linguística e que se encontra muito presente na formação do intelectual no mundo antigo – na tradição historiográfica que situa essa pesquisa. Além disso, conforme Mosca (2007, p. 14), nenhuma manifestação discursiva está isenta de retórica. Diante de tal princípio, Zoido (2007, p. 67) ainda estabelece que: “Todos los historiadores, pues fueron retóricos. La diferencia está en qué tipo o especie de Retórica emplearon. Pero todos la usaron. [...] Toda Historiografía está, pues, tocada de Retórica”.

Seguindo esta perspectiva teórica, cabe apontar que a arenga militar, embora seja um tipo de discurso que, tradicionalmente, recebe uma menor atenção em termos de pesquisa, sustenta-se como um recurso singular para o estudo no campo historiográfico. Tais discursos se encontram presentes ao longo de toda a história na antiguidade - na qual a guerra desfruta de um lugar privilegiado – e, portanto, “constituyen un testimonio de gran valor para entender la evolución del género y, sobre todo, la fructífera relación entre retórica e historiografía a lo largo del tiempo” (WISEMAN *apud* ZOIDO, 2007, p. 32).

O espaço que a retórica encontra nos discursos de exortação militar na antiguidade – constituindo, assim, a historiografia – torna-se evidente quando se observa o método utilizado pelos historiadores para expor as arengas em suas obras. Existiam duas exigências para tal: a primeira trata-se das fontes que se tem a respeito do que foi realmente dito antes da batalha, pois pretendia-se fidelidade ao que realmente teria ocorrido; e a segunda consistia em respeitar uma certa tradição literária para não pôr em risco a reputação do autor como escritor (ZOIDO, 2007, p. 32).

De maneira a organizar e embasar teoricamente esta pesquisa, este trabalho está dividido nos seguintes capítulos: primeiramente, o capítulo intitulado *História, Retórica e o Discurso de Exortação na Antiguidade Clássica* vai abordar a retórica desde sua origem até as novas tendências, sua relação com a historiografia antiga e finalmente, a relação destes com

os discursos de exortação militar. Trata-se de um apanhado teórico que define as bases dessa pesquisa; o segundo capítulo, que discorre acerca de *Xenofonte e a formação dos valores gregos de seu tempo*, tem a finalidade de se avaliar o orador e o auditório das arengas militares que correspondem ao objeto desse estudo. Trata-se, de fato, das questões preliminares destacadas por Reboul (2004, p. 149), necessárias para uma análise retórica. Por fim, um último capítulo, denominado *Anábase e Ciropedia: duas obras em análise* que consiste na exposição e comparação dos discursos que foram contextualizados nas duas primeiras partes desse trabalho.

2 HISTÓRIA, RETÓRICA E O DISCURSO DE EXORTAÇÃO NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

A Grécia Antiga, em seu Período Clássico – intervalo de tempo que corresponde aproximadamente aos séculos VI, V e IV a.C –, protagoniza o desenvolvimento do pensamento ocidental em diversos âmbitos. As justificativas mitológicas não mais bastavam para explicar a natureza, a vida e a relação do universal com o particular.

Em tal contexto, contempla-se o florescimento intelectual e artístico que viria a definir os alicerces dos estudos que constituem a cultura contemporânea como a filosofia, a ciência, a literatura e a arte. Diante da conjuntura em questão, originam-se os fundamentos acerca da retórica, os quais vão constituir uma duradoura tradição que remete aos estudos referentes à teoria aplicada ao discurso, ainda nos dias de hoje.

2.1 A Retórica

A palavra “retórica” deriva originalmente do grego *rhêtorike*, que se tratava da prática do orador público – ou seja, a arte do *rhêtor* – e tem seu registro mais antigo no diálogo de Platão, *Gorgias* em que o sofista a descreveu como a arte da persuasão. Destaca-se ainda o fato de que “persuasão”, ou *peithô*, era o termo usado para se referir ao equivalente de “retórica” antes da existência de tal expressão (KENNEDY, 2003, p. 17).

É importante, inicialmente, levar em consideração os três elementos imprescindíveis que constituem a retórica: o *éthos*, o *lógos* e o *páthos* (ARISTÓTELES, *Retórica* 1, 3, 1358b). O primeiro diz respeito ao caráter, à moral ou mesmo à autoridade do orador; o *lógos* refere-se ao discurso em si, que pode ser articulado de forma oral, escrita ou por outra mídia qualquer; enquanto que o *páthos* refere-se ao auditório, ou ainda a seus “valores implícitos das respostas fora de questão” (MEYER, 2007, p. 39).

Além disso, é necessário atentar para os três gêneros de discurso, de modo a situar a forma adequada à análise dos argumentos, tendo em vista a função que cabe à determinada narrativa. Em primeiro lugar, tem-se o gênero epidíctico, que visa à beleza para a aclamação do público; logo após, tem-se o gênero jurídico, em que o auditório julga se o discurso do orador é justo; por fim está o gênero deliberativo, em que se debate, no âmbito da coletividade, o que é útil ou prejudicial para a comunidade em geral (ARISTÓTELES, *Retórica* 1, 3, 1358b).

A origem da aplicação da retórica de fato está atrelada à queda da tirania na Sicília (465 a.C), quando os cidadãos que haviam sido espoliados de seus bens tiveram a chance de apelar na justiça para reaver o que alegavam legitimamente lhes pertencer. Diante da situação, pensadores denominados sofistas começaram a utilizar-se da sabedoria para intervir a favor das vítimas despojadas pela antiga tirania, formando, assim, o embrião da advocacia. Logo, os sofistas estariam vendendo sua assistência a todo tipo de trâmite jurídico em que os cidadãos tivessem a possibilidade de usar da palavra em benefício próprio. Como não existiam advogados propriamente ditos, e o cidadão tinha de defender sua causa pessoalmente, os sofistas entregavam os argumentos por escrito para serem lidos ante o tribunal.

Tal prática, que em seguida chega a Atenas devido às relações próximas que esta mantinha com a Sicília, é condenada por Platão, que desde então manifestou sua aversão à retórica. Aristóteles, ao contrário deste, vai compreender a retórica de forma positiva, considerando a possibilidade do debate com divergências de opiniões como um bem para a cidade. Ele também credita alguma dignidade a defender-se por meio da retórica, pois se esta pode ser usada com a finalidade de manipular, também pode ser usada para conquistar a adesão a uma causa justa ou para corrigir uma injustiça.

A retórica é útil, porque, tendo o verdadeiro e o justo mais força natural que os seus contrários, se os julgamentos não são proferidos como conviria, é necessariamente por sua única culpa que os litigantes são derrotados. (...) Ademais, é preciso ser capaz de persuadir dos prós e dos contras, como no silogismo dialético. Não para por os prós e os contras em prática – pois não se deve corromper pela persuasão!–, mas para saber claramente quais são os fatos e para, caso alguém se valha de argumentos desonestos, estar em condições de refutá-lo(...). Além disso, se é vergonhoso não poder defender-se com o próprio corpo, seria um absurdo que não houvesse vergonha em não poder defender-se com a palavra, cujo uso é mais próprio ao homem que o do corpo (ARISTÓTELES, *Retórica* 1, 2, 1355 a-b).

Além desses aspectos, é importante conceber a notável premissa de que nenhum discurso, seja ele falado ou escrito, está isento de retórica. Qualquer tipo de comunicação, como atenta Kennedy (2003, p. 18), tem por objetivo cumprir um propósito. Desse modo, a comunicação é retórica porque, de algum jeito, almeja influenciar pensamentos, ações ou emoções de um determinado público. Assim sendo, a participação da retórica na sociedade está condicionada a especificidades históricas de um período determinado. Nota-se, sobretudo, que conforme os modelos de comunicação vigentes em uma sociedade se transformam, o papel da retórica vai sofrer adaptações. Também, como afirma Meyer (2003, p. 11), “A retórica renasce sempre que as ideologias se desmoronam. Aquilo que era objeto de certeza torna-se então problemático e é submetido à discussão”.

Na Grécia, sobretudo em Atenas sob o regime da democracia, a retórica vai ter um importante papel na vida política das cidades constituídas por cidadãos. “Para os gregos, a retórica encarna a pluralidade das vozes na política, a possibilidade da democracia, que se baseia na discussão dos meios e dos fins na Cidade” (MEYER, 2007, p. 31). A sociedade grega do Período Clássico, devido à necessidade da participação do indivíduo cidadão para o bem da coletividade nas assembleias, nos tribunais e na vida social em geral, vai perceber na retórica tal relevância, a ponto de instituir meios pedagógicos para o domínio de tal arte.

Este arte, que se describía y se explicaba em manuales, discursos, diálogos, tratados y lecciones, se expandió y desarrolló gracias a los maestros y a los cultivadores de la oratoria, y también a los filósofos, y dio lugar a lo que hoy llamamos “retórica clásica”: una série de prácticas sociales y políticas um corpus de textos que describen o ilustran dichas prácticas (KENNEDY, 2003, p. 17).

A partir do século II a.C, em Roma, que desde o início de sua história incorpora princípios da cultura grega em sua crescente civilização, desenvolveu-se o estudo da retórica. Mesmo não contando com tal material nos dias de hoje, sabe-se, por referências posteriores da existência de manuais de retórica em língua latina que datam dessa época. No período republicano da história romana, nota-se uma importância da oratória na participação em assembleias deliberativas e tribunais. Tendo tal relevância em vista, jovens ricos viajavam para Grécia com a finalidade de estudar retórica e filosofia. Com o tempo, parte da oligarquia de Roma via, no emprego da retórica, um determinado risco à hegemonia de seu poder no senado, pois o discurso representava, no sistema político romano, um importante instrumento para aquisição de influência.

Diferentemente da Grécia, em Roma havia advogados que representavam seus clientes, destacando-se dois grandes nomes da retórica: Cícero (103-43 a.C) e Quintiliano (35a 95d.C). Segundo Reboul (2004, p.71), em suas obras, ambos “teorizavam” a prática de sua profissão. A *De inventione*, principal obra de Cícero, tem foco nos artifícios dos discursos, principalmente os elaborados para o tribunal, enquanto Quintiliano, em seu *Institutio*, expõe um amplo manual que compõe um extenso tratado de técnica retórica orientada em função de estilo e elocução. Nos manuais de retórica da Grécia, onde havia uma participação mais ampla na cidade e que, em termos jurídicos, o próprio cidadão se representava, tem-se a retórica voltada para o discurso. Entretanto, para os romanos, ela está centrada na moral e no caráter do orador, que sobrepõe qualquer técnica, desde que ele seja devidamente instruído. Na época imperial, a vida política participativa da república vai ser reduzida, prejudicando a função tradicional da retórica na Cidade-Estado. No entanto, conforme Reboul, novas perspectivas surgem:

É verdade que a retórica perdeu os grandes debates políticos, que só recuperará nas democracias modernas, mas ganhou outros gêneros: a epístola, a descrição, o testamento, o discurso de embaixada, a consolação, o conselho ao príncipe, etc (REBOUL, 2004, p. 76).

Com a queda do Império Romano e a ascensão do cristianismo, a Igreja Católica vai preservar parte da cultura do mundo antigo, o que inclui os estudos a respeito da retórica. O cristianismo vai se apropriar dos seus usos em dois importantes aspectos para sua doutrina religiosa. Primeiramente, por uma questão prática, tem-se a utilidade de técnicas de persuasão para o missionário, em seu ofício de promover a crença cristã. O segundo aspecto tem uma atribuição mais teórica, pois se trata de utilizar a retórica como um meio para interpretar as passagens da Bíblia. Segundo Meyer (2007, p.21), a “retórica se inscreve, então, nesse vazio entre o literal e o metafórico, entre a presença imediata e aquilo que existe por atrás – daí sem dúvida, a predileção pelos espíritos religiosos pela retórica”. Dessa forma, ela desenvolve-se tanto na pregação quanto na literatura da época.

A partir do século XVI, nota-se um declínio considerável nos estudos da retórica, pois tem início o rompimento do vínculo entre oratória e argumentação. Humanistas e filósofos vão buscar uma verdade única essencialmente inacessível pelo uso da retórica. Entre os responsáveis por sua sistemática decadência, Reboul (2004, p. 80) destaca dois: Descartes, que vai considerar falso o que é apenas verossímil, tornando necessário o encadeamento de evidências; e Locke, que vai entender a retórica como a arte de se apropriar de ardis para insinuar falsas ideias no espírito.

No entanto, é no século XIX que surgem duas correntes de pensamento responsáveis pelo grande declínio da retórica. A primeira se trata do positivismo, que rejeita a retórica em nome da verdade científica. O terreno do incerto, no qual se situa a retórica, vai sendo cada vez mais rejeitado dentro de tal tendência. A segunda é o romantismo, que rejeita a retórica em nome da sinceridade. Uma das consequências notáveis dessas tendências daquele século é a substituição da retórica no ensino francês por “história da literatura grega, latina e francesa” (REBOUL, 2004, p. 81).

Ao longo do século XX, mesmo sem ser teorizada em tratados, a retórica tem forte uso na comunicação de massa, característica do período. Notam-se os usos dela para a propaganda e a publicidade, cuja finalidade é dirigir-se a um “número indefinido, geralmente imenso, de indivíduos cujo único elo é receber a mesma mensagem” (REBOUL, 2001, p. 85), ou seja, a esse novo auditório que denominamos “massa”. Tal recurso vai contemplar um leque de possibilidades, tendo a sua utilização para fins políticos e militares contribuído, no decorrer

do século, com duas guerras mundiais e modelos autoritários de governos que necessitam do apoio massivo da população.

Por volta dos anos 1960, retoma-se o estudo da retórica, com o surgimento de diferentes vertentes a respeito desta. No entanto, a tendência privilegiou um movimento – protagonizado por Jean Cohen, Gérard Genete e Roland Barthes – que vai reduzir a retórica à análise da linguagem na literatura, recusando assim a vasta contribuição dos autores antigos. “Essa ‘nova retórica’ limita-se, pois à elocução, e desta só fica com as figuras. Em suma, uma retórica sem finalidade alguma” (REBOUL, 2004, p. 88).

Opondo-se categoricamente a essa retórica sem finalidade, vai surgir uma interpretação dos estudos acerca desta, a qual propõe uma ruptura com as correntes filosóficas que resultaram no declínio da retórica desde o século XVI. Essa “Nova Retórica” tem por representantes Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, que compuseram a obra mais importante de tal vertente: “O Tratado da Argumentação: a Nova Retórica”. A obra retoma os tratados da Antiguidade Clássica, voltando-se para o discurso persuasivo e, por fim, classificando diversos tipos de argumentos.

Essa obra, que se insere na grande tradição retórica de Aristóteles, Isócrates, e Quintiliano, é realmente a teoria do discurso persuasivo. Seus autores partiram de um problema, não lingüístico nem literário, mas filosófico: como fundamentar os juízos de valor? Buscaram, pois, a lógica do valor, paralela a da ciência, e acabaram por encontrá-la na antiga retórica (REBOUL, p. 88-89).

Apesar da excelência de tal trabalho, principalmente em comparação com a tendência que estava tomando forma desde seu declínio no século XVI, apenas no final dos anos 1970 é que ele passa a ser devidamente reconhecido. É digno de nota que ele possibilita, em sua classificação de argumentos, uma alternativa para a leitura de textos utilizando-se da retórica.

Constituindo as recentes pesquisas que integram a perspectiva da Nova Retórica originária dos estudos de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, destaca-se o professor da Universidade Livre de Bruxelas, Michel Meyer².

Desde os primeiros estudos envolvendo a retórica, diversas definições foram atribuídas a ela, mas todas privilegiam apenas um de seus três elementos. Aristóteles, assim como Perelman, privilegia o papel do *lógos*, ou seja, do discurso em si, na retórica. De maneira semelhante, Platão, que acusava a retórica de constituir uma arte com a finalidade de manipular, dava maior importância ao *páthos*, isto é, o auditório a ser influenciado. Por fim,

² Um dos fundadores do Centro Europeu para o Estudo da Argumentação.

vale lembrar da relevância do *éthos* para Cícero e Quintiliano, que viam na moral, no caráter ou no modo fluente do orador se pronunciar a maior parcela de importância. No entanto, para Michel Meyer os três elementos são igualmente essenciais, e para dar conta de uma definição que atribua a mesma importância ao orador, à linguagem e ao auditório, o autor define retórica como “a negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada” (MEYER, 2007 p. 25). Tal diferença, ou distância, é constituída por uma infinidade de fatores que podem ser sociais, políticos, éticos ou étnicos, por exemplo. “Essa questão é inclusive a medida dessa diferença, do que separa, e opõe mesmo os protagonistas, uma medida da distância simbólica que traduz sua diferença” (MEYER, 2007 p.26).

Quando se negocia, então, essa distância, não se trata necessariamente de reduzi-la, mas também é possível sustentar, ou até mesmo aumentar a diferença com o interlocutor por meio do discurso. Dessa forma, a retórica intervém tanto na identidade, quanto na diferença entre os indivíduos.

Observemos que a distância simbólica, que o estatuto social consagra, afirma-se retoricamente pela exclusão de todo questionamento possível, o que exigem formas que reafirmem a distância. No limite, é o uniforme específico da patente no exército, do bispo na igreja, do chefe no trabalho, com sua vestimenta e seu protocolo próprio. A diferença é negociada por esses símbolos que a perpetuam, e é uma retórica: ela resolve, a seu modo, o problema de uma distância que assim se afirma e se confirma (MEYER, 2007, p. 26).

Outra importante concepção a respeito dos conceitos de Meyer é a diferença que ele atribui entre retórica e argumentação. Para ele, só há dois jeitos de se manifestar com o intuito de convencer: ou parte-se da pergunta, ou da resposta. “A grande diferença entre a retórica e a argumentação deve-se ao fato de que a primeira aborda a pergunta pelo viés da resposta, apresentando-a como desaparecida, portanto resolvida” (MEYER, 2007, p. 27).

Ainda é importante ressaltar outra contribuição de Meyer: trata-se da *teoria da problematicidade*. Para sintetizar tal conceito, que provém de um extenso trabalho, Lineide Salvador Mosca sintetiza a teoria da seguinte maneira:

[Meyer] considera como fundamental na linguagem o par pergunta-resposta. Falar, assim como escrever, equivaleria a suscitar uma questão e, portanto, esses atos trazem sempre implícitas as perguntas que lhes correspondem. De acordo com isso, para ele, a teoria da argumentação é vista como o estudo da relação entre o explícito e o implícito. Dessa perspectiva, a significação é sempre uma relação questão-resposta, no caso do texto, transcendendo o sentido literal atribuído às frases. (MOSCA, 2007 p. 9)

2.2 Retórica e Historiografia

Considerando o fenômeno da comunicação inevitavelmente como constituído pela retórica, por tentar exercer algum grau de influência sobre o interlocutor de alguma forma, pode-se entender também que, por extensão, a linguagem não pode ser desassociada de tal arte. Ninguém, de fato, emprega a linguagem sem o propósito de comover um ouvinte ou exercer alguma manifestação simbólica a ser interpretada. Dessa forma, é digna de nota a importante observação de Zoido:

Pues bien, la Historiografía es un género literario con el que el autor intenta influir en los oyentes o lectores y es, por tanto, imposible que el autor de un discurso historiográfico no emplee todos los símbolos verbales o palabras a su alcance para persuadir, agradar o convencer a sus oyentes o lectores. Todos los historiadores, pues, fueron retóricos. La diferencia está en qué tipo o especie de Retórica emplearon. Pero todos la usaron. Toda Historiografía está, pues, tocada de Retórica. (ZOIDO, 2007, p. 67)

É relevante destacar a tradição da retórica na escrita dos helenos. As obras dos historiadores gregos foram todas elaboradas retoricamente, assim como sua vasta literatura. Os autores utilizavam-se da retórica para firmar, no decorrer de suas obras, suas próprias concepções a respeito da história. Heródoto, por exemplo, explicita a questão da historiografia como gênero literário em suas obras, articulando os discursos de forma a mesclar fatos autênticos com mitos e lendas, com a intenção de persuadir seus leitores. Tal objetivo revela também a clara composição retórica de suas obras. Em Tucídides, na obra *Guerra do Peloponeso*, a retórica está presente tanto em sua concepção a respeito da natureza humana e sua influência na história, como na diversidade de discursos presentes na obra, os quais vão se servir de técnicas retóricas para sua elaboração.

Xenofonte narra eventos históricos, dos quais foi testemunha, transmitindo as conquistas da hegemonia espartana, além da obra de caráter autobiográfico com fortes apelos retóricos.

Y Todos ellos, uno por uno tras outro, intentaron persuadirnos de sus respectivas y particulares visiones y metodologías históricas empleando lenguaje simbólico, haciendo literatura, pues no olvidemos que, por muy exacto y veraz que sea un relato histórico, forma parte de un género literario (provisto de sus licencias, por tanto) que se denomina “Historiografía”. Todos ellos, pues, hicieron retórica (¿pues quién no hace retórica al tratar de cautivar a un lector con su discurso?), o sea, todos ellos retorizaron a gusto su atractivo discurso histórico (ZOIDO, 2007, p. 68).

2.3 As Arengas Militares na Tradição Historiográfica

Dentre os tipos de discursos que integravam a antiga tradição historiográfica grega, os de exortação militar propiciavam maior liberdade para a elaboração retórica do autor. De uma

forma geral, os diversos discursos – deliberativos e jurídicos, por exemplo – estão dispostos de maneira similar ao que realmente teria sido pronunciado de fato. No entanto, os discursos de exortação militar representam uma exceção a essa regra, pois se distinguem por terem sido amplificados quando transferidos do campo de batalha para o terreno da historiografia. Tal diferença deve-se ao fato de que os outros tipos de discursos possuem informações pontuais que constituem sua verdadeira utilidade para obra, enquanto que nas arengas é possível acrescentar referências úteis para melhor compreensão da história. No entanto, é importante notar que esse processo de amplificação do discurso original não poderia reduzir-se somente a um exercício retórico, pois qualquer excesso poderia soar com falsidade e desacreditar o historiador.

Havia dois critérios importantes que o historiador tinha de cumprir ao compor uma arenga. Em primeiro lugar, havia uma preocupação com a fidelidade em relação ao que realmente ocorreu. Diante desse aspecto, buscava-se confirmar informações por meio de testemunhas ou até mesmo se recorria à memória, levando em consideração que alguns escritores, como Xenofonte, eram soldados e presenciaram algumas das histórias que almejavam relatar. O outro critério tratava-se da tradição literária em que o discurso se insere e da possibilidade da utilização de recursos retóricos, pois estava em jogo a reputação do autor como literato.

Além da liberdade que os autores encontram para utilizar da retórica nos discursos de exortação, também se percebe uma determinada importância desta na historiografia. Zoido, a esse respeito, afirma que:

Las arengas constituyen un privilegiado elemento de análisis transversal em el marco del género historiográfico. Están presentes en obras históricas de todas las épocas y, por lo tanto, constituyen un testimonio de gran valor para entender la evolución del género y, sobre todo, la fructífera relación entre retórica y historiografía a lo largo del tiempo (ZOIDO, 2007, p. 32).

Ainda que os estudos a respeito deste tópico sejam de fato limitados – em função justamente das escassas pesquisas disponíveis sobre o assunto nos dias de hoje –, eles não são inexistentes. Zoido (2007) destaca autores como Burgess, que ainda em 1902 dedicou-se à literatura do tipo epidíctico, apontando pela primeira vez pontos em comum que uniam as diversas arengas militares registradas, como predominância do valor sobre o número e a honra de uma morte gloriosa.

Albertus, autor de obra clássica na área, de 1908, também é citado por Zoido (2007) como um analisador detalhista do gênero, inclusive, similarmente ao que havia feito Burgess, enumerando seis núcleos de argumentação que incluem pontos comuns utilizados neste tipo de discurso para construir uma linha argumentativa. Assim, ainda que o trabalho de Albertus apresente lacunas e fragilidades teóricas, ele é pioneiro ao destacar “de qué modo la

elaboración de una arenga militar era una ocasión privilegiada para ejercitar los recursos de la retórica en el marco de la obra histórica” (ZOIDO, 2007, p. 23).

No decorrer do século XX, os estudos em torno do tema não despertaram grande entusiasmo dentro da problemática das pesquisas acerca do discurso historiográfico. Entretanto, conta-se com o destaque de Elizabeth Keitel que, em seu trabalho *Homeric antecedents to the cohortatio in the ancient historians*, sustenta o argumento da “influencia de las arengas homericas como modelo literario de las que luego se pueden encontrar en la historiografia grecoromana” (ZOIDO, 2007, p.24)

Nos anos 1990, surge um novo ânimo da crítica a respeito das arengas militares, protagonizado pela controvérsia sobre a veracidade de tais discursos. Zoido (2007) expõe a polémica existente entre a “arenga real” e a “arenga literária”, destacando, assim, os principais autores em debate.

Segundo Morgens Herman Hansen, as arengas reais não passavam de breves palavras que “el historiador habría llevado a cabo posteriormente una reelaboración retórica, como si el general realmente hubiera estado colocado delante de su ejército y se hubiera dirigido a él utilizando con todos sus elementos constitutivos” (HANSEN *apud* ZOIDO, 2007, p. 24). Contrapondo Hansen, em apoio à “arenga real”, defendendo então a tese de que estas eram realmente pronunciadas antes da batalha, nota-se a colaboração de Ehrhardt – que se vale do testemunho de Políbio – e de Micheal Clark, que em seu trabalho *Did Thucydides Invent the Battle Exhortation?* evidencia tal possibilidade com base no exemplo relativamente recente de Benjamim Franklin, o qual teria feito um discurso em condições semelhantes para milhares de pessoas. Entretanto, para Zoido (2007), William Kendrick Pritchett representa maior enfrentamento com Hansen, pois, defendendo a “arenga real”, sustenta uma soma de argumentos baseados em condições concretas das exortações em campo aberto.

O próprio Zoido (2007), além de retomar brevemente a trajetória destes estudos, também busca analisar os discursos militares através da ótica da retórica e da historiografia, contribuindo para a área. Nesta linha apresentada pelo autor é que se situa a presente pesquisa, que longe de entrar de forma obstinada em tal polémica, assume, a princípio, apenas que tais discursos integraram, utilizando-se da retórica, a tradição historiográfica do mundo antigo.

3 XENOFONTE E A FORMAÇÃO DOS VALORES GREGOS DE SEU TEMPO

3.1 Xenofonte

Xenofonte, escritor ateniense que viveu aproximadamente entre 430 e 354 a.C, pertenceu a uma família tradicionalmente integrada à aristocracia rural do período. Ao nascer em plena Guerra do Peloponeso, acompanhou a decadência da política ateniense em sua juventude – época em que foi discípulo de Sócrates, que exerceu forte influência em sua personalidade e a quem mais tarde homenagearia em uma de suas obras.

Constituía a classe de cavaleiros e, nessa condição, fazia parte do exército em Atenas no momento em que esta estava sob a tutela do Governo dos Trinta³. Sua educação aristocrática, no contexto do período que precedeu a Guerra do Peloponeso, tornava-se evidente em suas críticas a políticos democráticos. Tal fator, juntamente às boas relações que adquire com os lacedemônios, vai dificultar o vínculo com sua terra natal, embora ele tenha declarado sua lealdade ao sistema democrático ateniense quando se mostrou fiel às concepções políticas de Sócrates.

Quando jovem, integra o círculo socrático, isto é, o grupo de jovens aristocratas que rodeavam Sócrates, assimilando conhecimento com a sabedoria de seu mestre. Diógenes Laércio – historiador e biógrafo de antigos filósofos gregos – relata como teria sido o encontro de Xenofonte com Sócrates:

Conta-se que Sócrates o encontrou numa rua estreita e estendeu o bastão para barrar-lhe o caminho, enquanto lhe perguntava onde se vendia toda espécie de alimentos. Obtida a resposta Sócrates perguntou-lhe ainda onde os homens se tornavam excelentes. Diante de tal perplexidade de Xenofon, Sócrates disse: “Segue-me então, e aprende.” Desde esse momento ele passou a ser discípulo de Sócrates (L II.48).

Embora não tenha se consagrado filósofo – como Platão ou Aristóteles –, ou ainda não o seja considerado propriamente, em um significado mais estrito, segundo ainda a mesma passagem de Diógenes Laércio, “foi o primeiro a tomar notas das conversas do mestre e publicá-las” na obra *Memoráveis*.

Outra grande influência de sua vida foi o contato com Ciro, o jovem – príncipe persa filho de Dario II –, com quem seguiu em uma campanha militar que serviria de inspiração na composição de umas de suas principais obras: *Anábase*. Por volta de 401 a.C, Xenofonte se junta a milhares de mercenários gregos liderados por Ciro, que almejava tomar o trono de seu irmão após a morte de seu pai, monarca do Império Persa até então. Tal empreendimento

³ Após a Guerra do Peloponeso, os lacedemônios derrubaram a democracia ateniense e instituíram em seu lugar um poder formado por trinta oligarcas convictos, chamado de Governo dos Trinta.

resulta na necessidade de uma retirada estratégica de milhares de quilômetro em um território hostil. Tal aventura como mercenário⁴, além de exercer uma influência direta em uma de suas obras, também caracteriza significativamente sua escrita, tornando evidente o traço de personalidade que marca o destino de sua vida, isto é, a “ardente inclinação para a guerra e para a aventura” (JEAGER, 2010, p. 1215).

Após tal retirada heroica, em que sua narrativa o destaca como personagem central, Xenofonte retorna à Grécia e estreita fortes relações com o Estado espartano a serviço do rei Agesilau – a quem dedica posteriormente uma de suas obras. Combatendo ao lado dos lacedemônios, enfrentou os Persas na Ásia e no retorno à Helade, de tal investida contra os bárbaros, enfrenta seus conterrâneos na Batalha de Queroneia, tomando assim partido do rei de Esparta. Tal escolha lhe custa o exílio de sua pátria e a confiscação de todos os seus bens em Atenas.

O fato de Xenofonte ser banido de sua terra natal parece incorporar uma tradição dos historiadores de sua época, entre os quais a produção criativa de suas obras faz-se no afastamento de suas respectivas pátrias.

Se ha señalado com frecuencia que los historiadores eran muchas veces desterrados voluntaria o forzosamente de sus ciudades. La lista de historiadores importantes que escribieron en el extranjero incluye a Heródoto, Tucídides, Jenofonte, Ctesias, Teopompo, Filisto, Timeo, Políbio, Dionisio de Halicarnaso y, em cierto sentido, Posidonio, que escribió como ciudadano de Rodas, pero habían nacido em Siria. Esta circunstancia puede también hacernos pensar que la historiografía, a menos que no fuese historia local, escrita para satisfacer el patriotismo local, tuvo una posición ambigua en la sociedad griega. Era ciertamente más fácil obtener informaciones exactas sobre un tema amplio y ser imparcial teniendo la libertad de movimiento de um desterrado (MOMIGLIANO, 1993, p. 20).

O Estado espartano retribuiu os serviços prestados por Xenofonte com uma propriedade em Silonte, onde ele passou décadas devotando-se a uma vida pacata. Tal conjuntura permitiu a ele dedicar-se ao ócio literário. “O gosto pelas variadas atividades de agricultor, juntamente com a recordação de Sócrates e a inclinação para tudo quanto fosse histórico e militar, é uma das principais características da personalidade de Xenofonte” (JAEGER, 2010, p. 1216). Depois de passar boa parte de sua vida adulta sob tutela espartana, ele conseguiu o direito de retornar do exílio – devido a uma reconciliação entre Esparta e Atenas –, voltando à sua cidade natal, onde continuou a escrever.

⁴A palavra “mercenário” adquiriu um sentido fortemente pejorativos em tempos recentes, afastando-se de seu significado original, passando de “disponível para contratação” a “exclusivamente interessado em ganho pessoal”. Na Grécia Antiga, os mercenários eram chamados de *xenoi*, estrangeiros, ou, ainda, mais educadamente, de *epikouroi*, “ajudantes”. CARTLEDGE, Paul (org.). *História ilustrada Grécia Antiga*. 2.ed. São Paulo: Ediouro, 2009 – (Coleção História Ilustrada).

Os grandes méritos da obra de Xenofonte estão, principalmente, relacionados à multiplicidade de suas competências e de seus interesses. Ao mesmo tempo em que era um apreciador da filosofia que aprendera com Sócrates, também era um soldado, um mercenário que conheceu lugares adversos; alguém próximo a estadistas; um hábil cavaleiro; um caçador; entre outras facetas de sua interessante personalidade. Além de demonstrar autoridade sobre uma variedade de temas, sua escrita agradável conquistou muitos admiradores no decorrer do tempo. O romano Marco Túlio Cícero – grande admirador da filosofia grega e conquistador de uma extensa carreira política – vai revelar grande deleite pessoal em relação ao estilo da escrita de Xenofonte. Além disso, uma enciclopédia bizantina no século X – uma compilação de materiais a respeito da antiguidade grega –, chamada *Suda*, refere-se a ele como “abelha ática”, em razão da linguagem “doce” presente em suas obras (CERDAS, 2011, p. 28).

Referente a obras de caráter histórico, Xenofonte voltava sua pena para acontecimentos de seu tempo, embora não tivesse métodos de avaliação tão críticos para verificação de fontes, como alguns historiadores gregos próximos à sua época – entre os quais se destacam Tucídides e Heródoto. Entretanto, como afirma Momigliano (1993, p. 20), foi um dos historiadores a tentar restabelecer o estilo de Tucídides e teve um papel muito importante na transmissão desse modelo de escrever a História, além de contribuir com a criação de novos modelos com suas memórias de general na *Anábase* e com biografias, como em *Agésilau* e *Ciropedia*. Depois de tal contribuição, intensificou-se a produção de obras do gênero multiplicando-se, assim, biografias sobre grandes personalidades, como filósofos, santos e reis. Contrapondo a parcialidade que muitas vezes se apresenta em suas obras em favor de sua visão pró-esparta com a validade das experiências vividas por esse autor, João Medina:

Xenofonte deixou uma obra abundante, como os livros *apologia de Sócrates*, *O Banquete*, *O Económico*, *a Anábase*, *O Comandante da Cavalaria*, *A Arte da Caça*, *Agésilau*, *A Constituição dos Lacedemónios*, *A Constituição de Atenas*, *A Ciropedia*, *A Arte Equestre*, etc. Como historiador, Xenofonte é talvez vítima dos seus preconceitos e parcialidade, mas é um perito nas matérias que trata, um testemunho extraordinário dos tempos conturbados em que viveu e uma grande autoridade em matérias de guerra, caça e desporto, além de que escrevia com lucidez e elegância (MEDINA, 2010, p. 16).

3.1.1Obras com Narrativas Históricas

Apesar da vasta produção a respeito de uma variedade de temas, aqui se está limitado a um conjunto de pequenas sínteses que compreendem três obras de destaque por seus elementos históricos ou militares: *Anábase*, *Ciropedia* e *Hellênica*. Todas as três obras têm sua origem na primeira metade do século IV a.C.

3.1.1.1 *Anábase*

Sob o pseudônimo de Temistógenes, de Siracusa, Xenofonte relata uma campanha militar de caráter autobiográfico, em que ele se junta a milhares de mercenários para apoiar Ciro a tomar o trono Persa de seu irmão Artaxerxes, após a morte de seu pai, Dario II, o antigo soberano. O título da obra – que na sua significação léxica quer dizer *marcha para o interior* – relaciona-se literalmente com essa primeira parte da narrativa, em que os mercenários gregos são guiados por Ciro, o jovem, para dentro do império persa.

A Grécia, no contexto da *Anábase*, ainda não havia se recuperado do conflito que opôs as duas grandes potências helênicas, ou seja, o enfraquecimento de Esparta e de Atenas durante a Guerra do Peloponeso. Quando havia disputas entre as potências gregas, era comum o império persa financiar o conflito, contribuindo sempre para que nenhuma cidade-estado grega concentrasse muito poder e influência em si mesma. Ciro, o Jovem – comandante da parte ocidental do império – deu todo o auxílio possível aos espartanos para que estes pudessem dar fim à hegemonia que Atenas adquirira no mar Egeu.

Quando seu pai morreu, Ciro recrutou milhares de mercenários gregos de diferentes *poleis* com a intenção de destronar seu irmão, o qual havia se apoderado do Império. Os exércitos gregos, juntamente às outras tropas convocadas por Ciro, vencem a batalha, no entanto, Ciro perde sua vida e deixa milhares de gregos à sua própria sorte. A partir de então, eles fazem sua jornada de retorno à Grécia, sob a importante liderança de Xenofonte, tendo de atravessar um território hostil dominado pelo grande rei Artaxerxes.

3.1.1.2 *Ciropedia*

A *Ciropedia* foi escrita por volta de 360 a.C e tem seu título derivado das palavras gregas *Cyrou Paideia*, que significa literalmente “Educação de Ciro”. Tal narrativa tem enredo em torno do fundador do império persa – Ciro, o Grande – desde sua infância até o dia de sua morte. A história é ambientada na Pérsia do século VI a.C, tempo em que Ciro começou a expansão de seus domínios. Embora muitas das personagens, o contexto de suas conquistas e talvez até mesmo alguns dos acontecimentos narrados sejam reais – além do acréscimo de estratégias e artefatos militares persas, próprios do século VI a.C –, a obra não

possui a pretensão de relatar tais episódios da vida do soberano persa com exatidão histórica. Xenofonte, com a biografia do imperador Ciro, apresenta a formação do estadista ideal – tal como Maquiavel teria feito em *O Príncipe* – sob a óptica da conjuntura política grega do século VI a.C, uma época em que as virtudes do líder político exemplar e as do bom comandante militar deveriam associar-se na mesma pessoa (ZOIDO, 2003, p. 157).

Tempos depois – durante a república romana –, Marco Túlio Cícero costumava se corresponder com seu irmão, o qual lhe aconselhava em diversas situações de sua carreira política, como, por exemplo, em sua campanha eleitoral. Certa vez, em meio a essas correspondências, comenta-se sobre a utilidade da *Ciropedia* como um manual para o governante.

O famoso Ciro foi descrito por Xenofonte não conforme a crença histórica, mas como um modelo de governo justo: sua enorme seriedade se mescla, por obra daquele filósofo, com uma cortesia sem igual – esse livro, não sem motivo, o nosso célebre Africano não costumava tirar das mãos, pois nele não foi deixada de lado nenhuma obrigação própria de um governo diligente e moderado (CÍCERO, 2000, p. 85).

Importante notar também os paralelos que Xenofonte faz em sua obra entre a história dos persas de Ciro, o Grande e o Estado espartano – com o qual, segundo Jaeger (2010, p. 1229), “as tendências aristocrático-guerreiras encontram em Esparta o seu mais próximo paralelo dentro da Grécia”. O exército de elite de Ciro, denominado *homotimoi*, faz uma referência clara aos *homoioi* de Esparta, pois ambos se caracterizam por uma educação militar rígida desde a infância. Além disso, no desfecho da obra (VIII, 8), Xenofonte ressalta, entre os motivos da decadência do império persa no século VI a.C, o abandono das virtudes guerreiras dos antepassados. Conforme Jaeger (2010, p. 1230), para muitos especialistas há uma crítica paralela aos espartanos devido à decadência de sua hegemonia na Grécia.

Tal biografia, sendo precursora desse estilo de escrita, apresentou grande originalidade na época e inspirou outros historiadores a se aventurarem no gênero, como Teopompo de Quios, que escreveu uma obra denominada *Filípica* narrando as conquistas de Filipe II da Macedônia. De acordo com Momigliano (1984, p. 18), “Com su *Ciropedia* Jenofonte nos ha proporcionado el primer ejemplo de pseudobiografía pedagógica”.

3.1.1.3 *Hellênica*

Embora o título da obra possa ser traduzido como “História da Grécia”, a trama se passa apenas entre 411 a.C e 362 a.C, continuando a história da Guerra do Peloponeso do

ponto no qual Tucídides havia – na obra *História da Guerra do Peloponeso*, escrita em 431 a.C. – interrompido sua narrativa acerca do mesmo evento.

A importância dessa obra está na reconstituição do estilo de Tucídides, compondo o mais historiográfico de seus trabalhos. Ainda assim, conforme destaca Paul Cartledge (2009, p.39), “Se essa obra sobrevive, não se deve à exatidão histórica, mas principalmente porque críticos literários posteriores –antecipando gerações de professores modernos – corretamente admiraram a límpida prosa ática (ateniense de Xenofonte)”.

3.2 Coletividade Grega e Formação do Modelo de Cidadania na Grécia

Desde o surgimento, a partir do século VIII, das *poleis* gregas – isto é, cidades-estado independentes com autonomia política constituídas por comunidades de cidadãos –, nota-se um modelo mais coletivo de sociedade na Grécia. Em vários âmbitos, percebe-se a coletividade ganhando espaço em detrimento da individualidade dentro das comunidades da Hélade, tanto na identificação do indivíduo⁵, que vai estar associada à sua *polis* e não mais com a sua família, quanto na participação política em assembleias compostas por cidadãos, e até mesmo na guerra, na qual os membros da comunidade fazem uma formação retangular⁶ cerrada em que a segurança do indivíduo depende do coletivo de hoplitas⁷.

Nesse modelo político de cidadania – seja ela com a participação mais restrita como em regimes aristocráticos, ou mais inclusivas como na democracia ateniense que toma forma no século V a.C –, a argumentação vai integrar o papel central nas decisões do Estado. Dessa forma, compreendemos a originalidade da política nas cidades-estado gregas.

O que implica o sistema da *polis* é primeiramente uma extraordinária preeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos de poder. Torna-se o instrumento político por excelência, a chave de toda autoridade no Estado, o meio de comando e de domínio sobre outrem. Esse poder da palavra - de que os gregos farão uma divindade: *Peithó*, a força de persuasão - lembra a eficácia das palavras e das fórmulas em certos rituais religiosos, ou o valor atribuído aos "ditos" do rei quando pronuncia soberanamente a *themis*; entretanto, trata-se na realidade de coisa bem diferente". A palavra não é mais o termo ritual, a fórmula justa, mas o debate contraditório, a discussão, a argumentação. Supõe um público ao qual ela se dirige como a um juiz que decide em última instância, de mãos erguidas, entre os dois partidos que lhe são apresentados; é essa escolha puramente humana que mede a força de persuasão respectiva dos dois discursos, assegurando a vitória de um dos oradores sobre seu adversário (VERNANT, 2002, p. 53-54).

⁵ Como Sócrates de Atenas, por exemplo.

⁶ Tal formação constitui uma falange.

⁷ Soldado de infantaria fortemente armado que tem seu nome derivado de *hoplon*, o nome do escudo carregado em batalha.

Embora a ideia de que todos os cidadãos possam usar da palavra para se manifestar em assembleias – dependendo, obviamente, das peculiaridades nos regimes em cada *pólis*, mas levando-se em consideração, aqui, o caso da democracia em Atenas no século V a.C – possa caracterizar um certo grau de equidade perante a lei, essa igualdade sobre a posse da palavra em público⁸ não significa, em essência, que todos possuíssem as mesmas possibilidades de influência na cena política de sua comunidade.

Na verdade, segundo Cartledge (2009, p. 229), era necessário para quem quisesse expor sua opinião em público, possuir “nervos e conhecimentos consideráveis, além de pulmões poderosos e dominante presença de palco para ser um eficiente orador público nas reuniões de massa ao ar livre, que representavam o governo central ateniense”. De acordo com isso, compreende-se que mesmo em um regime democrático, é evidente que apenas quem tinha condições de se preparar para tal – ou seja, um pequeno grupo pertencente a uma elite – era capaz de exercer o direito da *isegoria*. Tal quadro também remete à importância da retórica no período.

Também é possível notar a organização coletiva da sociedade em termos legais. Como explicita Vernant (2011), ao se referir à legislação sobre homicídio, o crime de assassinato deixa de pertencer à esfera privada – na qual a questão resolvia-se com a vingança de sangue, o que possibilitava uma nova vingança de sangue, iniciando um ciclo de assassinatos perpetuado sempre pelos parentes dos mortos. Nessa nova organização da sociedade caracterizada pela consciência de grupo, uma infração desse gênero é um crime contra a comunidade, e não contra a família do morto; logo, o assassino deve ser condenado pela instituição que represente a totalidade da *pólis*.

É importante advertir que o sistema de cidadania não contemplava a participação de um coletivo de membros da comunidade da mesma maneira em todas as *pólis*, mas de uma forma geral, cada sociedade aderira a métodos pedagógicos necessários para o funcionamento de seu regime político. Em Atenas, no século V, conforme Peter Jones (1997, p. 291) a fixação de textos de leis, processos legais e procedimentos militares de interesse da comunidade, além de comércio de livros, não tem outra justificativa além de grande parte da população adulta masculina estar apta a ler e escrever. Já em Esparta acompanha-se uma formação pedagógica adversa, pois nas assembleias os cidadãos se limitavam a votar “sim” ou “não” nas propostas que eram apresentadas.

⁸ Identificado pelo termo grego *Isegoria*

De acordo com Jaeger (2010), ao conquistar os Messênios, Esparta teve de criar uma classe de cidadãos soldados para manter aquele povo subjugado à servidão. Logo, o modo de vida do cidadão espartano é voltado para uma dedicação exclusiva para com o Estado. “Tal como num acampamento, na cidade todos tinham as suas ocupações e modo de vida regulamentados em função das necessidades do Estado e tinham consciência de não pertencerem a si próprios, mas à Pátria” (JEAGER, 2010, p. 113).

3.3 Identidade Helênica

Apesar de existir uma diversidade de *poleis* com distintas formas de cidadania, costumes políticos e, muitas vezes, até mesmo representações culturais diferentes, é importante advertir que existe uma série de valores que tornam todos que os compartilham, membros de uma mesma comunidade: a Hélade. A noção de ancestrais em comum, uma mesma língua, semelhanças nas leis, devoção aos mesmos deuses vão fortificando, com o tempo, uma identidade diante dos povos estrangeiros que não compartilham dessas características. A narrativa de Heródoto, no livro VIII de seu *Histórias*, relata, em certo momento das Guerras Médicas, uma situação em que os lacedemônios estavam preocupados com uma possível aliança entre Atenas e o império persa. Os atenienses, que de fato recusaram a aliança com o imperador persa Xerxes, exaltam o respeito pela comunidade helênica aos emissários espartanos nos seguintes termos:

O receio que têm os Lacedemônios de que tratemos com os bárbaros é natural; mas nem por isso vossos temores deixam de parecer indignos de vós, que tão bem conheceis a magnanimidade dos Atenienses. Não, não há ouro bastante sobre a terra; não há país bastante rico; não há nada, enfim, capaz de levar-nos a tomar o partido dos Medos e impelir a Grécia para o negro abismo da escravidão. E mesmo que o quiséssemos, disso nos esquivaríamos por muitas razões poderosas. A primeira e a mais importante: as estátuas e os templos dos nossos deuses queimados, lançados por terra e transformados num montão de ruínas. Esse motivo não é, por si só, bastante forte para levar-nos antes à vingança do que a uma aliança com o responsável por tão monstruoso procedimento? Em segundo lugar, sendo os Helenos do mesmo sangue, falando a mesma língua, tendo os mesmos deuses, os mesmos templos, oferecendo os mesmos sacrifícios, seguindo os mesmos usos e costumes, não seria vergonhoso para os Atenienses traí-los? Ficai sabendo, pois, se o ignoráveis até aqui, que, enquanto existir um ateniense no mundo, não faremos nenhuma aliança com Xerxes. Louvamos o vosso procedimento, oferecendo-vos para alimentar nossas famílias e prover as necessidades de um povo cujos lares e bens foram destruídos. Levais a benevolência ao extremo; mas não vos preocupeis; subsistiremos como pudermos, sem exigirmos de vós esse sacrifício. O que deveis fazer agora é acautelar-vos, pois, logo que o rei dos bárbaros souber que não aceitamos as suas propostas lançar-se-á contra nós, invadindo e devastando novamente as nossas terras. Precisamos impedi-los de penetrar na Ática, indo dar-lhes combate na Beócia” (HERODOTO, *Histórias* 8.144).

Além disso, um fator externo vai ajudar a fortalecer tal sentimento dos Helenos em relação às semelhanças que os tornam parte de uma mesma comunidade. Depois de séculos sem contato com o oriente, por volta do século VIII a.C os gregos vão retomar o contato com os bárbaros⁹, seja pelas necessidades comerciais ou pelas migrações típicas do período. Ao contrário do que haviam feito os micênicos, que constituíam uma civilização no território grego séculos antes e se permitiram assimilar a cultura dos orientais, os gregos vão se apegar às diferenças em relação a eles para afirmar sua identidade helênica. Vernant explica tal noção de alteridade para com os bárbaros:

Em plena renovação orientalizante, o Helenismo afirma-se como tal em face da Ásia, como se, pelo contato reatado com o oriente, tomasse melhor consciência de si próprio. A Grécia se reconhece numa certa forma de vida social, num tipo de reflexão que definem a seus próprios olhos sua originalidade, sua superioridade sobre o mundo bárbaro: no lugar do Rei cuja onipotência se exerce sem controle, sem limite, no recesso de seu palácio, a vida política grega pretende ser o objeto de um debate público, em plena luz do sol, na Ágora, da parte de cidadãos definidos como iguais e de quem o Estado é a questão comum (VERNANT, 2002, p. 11).

3.4 Cultura Militar

A cultura militar no mundo grego, a partir do surgimento das cidades-estado, com o advento da cidadania, vai adquirir um caráter mais comunitário em suas formações de batalha. Nas épocas anteriores, a guerra contava com um determinado individualismo, tendo força os soldados que poderiam portar melhores equipamentos ou ostentar um cavalo em campo de batalha. Tais aspectos da guerra são similares ao estilo de guerra homérica, no qual os grandes heróis se destacam da massa de soldados comuns.

Com o aparecimento das *poleis*, a estrutura do exército tem uma profunda modificação, e o hoplita – que pode ser qualquer aldeão livre abastado o bastante para possuir uma armadura e integrar a falange – passa a constituir a força militar mais importante da cidade-estado. É importante frisar que esse novo modelo de combate é caracterizado pelo modo com que o soldado luta em grupo, pois nesse momento da história militar grega a formação vigente depende do coletivo de guerreiros para a segurança do soldado individual, ao passo que este também precisa garantir a segurança do todos se mantendo firme em sua posição dentro da falange.

Nessa corporação entra qualquer um que tenha os meios para se prover da armadura necessária; dessa maneira, a guerra é confiada agora essencialmente a um grupo

⁹ Denominação dos que não falavam grego. Tal designação se deve ao fato de os gregos interpretarem as línguas estrangeiras como um conjunto de sons ininteligíveis, isto é, um “bar-bar”.

compacto de homens, os hoplitas, armados pesadamente para ser capazes de sobreviver ao embate entre duas formações cívicas que se enfrentam em condições cerradas. Por meio de um processo lento e gradual nasce a intuição falange (...). À imposição tática contribui a adoção não tanto do grande escudo argivo, *hóplon*, mas sim do seu sistema de empunhadura de suporte duplo, formado pelo *pórplax*, a braçadeira, e pelo antibalé, o cabo. Graças a essa inovação, junto com a arma mudam também a conduta do soldado e a própria concepção da guerra. Mais manejável e eficaz do que o instrumento que o precedeu, o *hóplon* contribui para proteger, além daquele que o segura, também o companheiro posicionado à sua esquerda. (...)o hoplita, inserido nas fileiras, não pode abandonar suas armas sem comprometer a solidez da formação; em uma palavra, sem trair os companheiro de linha (BRIZZI, 2003, p. 13).

Segundo Mossé (1982, p. 13), relatando o caso ateniense, essa transformação na guerra teve como consequência um aumento da classe de homens capazes de portar armas e escudos, marcando assim o momento em que o povo começa a ter maior participação na cidade. A partir desse aspecto, nota-se a guerra como elemento essencial na cultura do cidadão desse período, pois no “mundo antigo nem todos os cidadãos eram poetas, mas todos eram soldados” (CARVALHO *et al.*, 2012, p. 8).

De acordo com José Varandas (2010), as falanges compostas nesse modelo grego de guerra vão atingir seu auge no início do século V a.C, nas Guerras Médicas – contra os imperadores persas Dario e Xerxes – e no seu fim diante da Guerra do Peloponeso. No entanto, tal tática coletiva constitui um marco tão significativo na história militar ocidental que só vai entrar em desuso com a invenção da baioneta, nos finais do século XVII d.C.

4 ANÁBASE E CIROPEDIA: DUAS OBRAS EM ANÁLISE

Com o objetivo de determinar a noção de pertencimento nos discursos de exortação militar presentes na tradição historiográfica, na qual se situam as obras de Xenofonte, toma-se como método a comparação entre as arengas dirigidas para um auditório composto por membros pertencentes a comunidades que possuem em seu sistema de valores a cidadania e as arengas militares voltadas para um auditório multiétnico, com membros provindos de diversas culturas. Para tal fim, é feita uma análise retórica comparativa entre duas obras de Xenofonte já mencionadas: *Anábase* e *Ciropedia*. As duas possuem uma semelhança na composição do *éthos* de seus protagonistas, pois o tema central da primeira é justamente o papel do próprio Xenofonte como general, enquanto que o da última trata-se do general ideal, personificado em Ciro, o Grande. Portanto, o que é notável em ambas as obras, seus principais oradores desempenham a melhor performance possível na visão do autor, o que pode ser comprovado na reação positiva do auditório diante de tais discursos.

A diferença essencial entre as duas obras, tendo em vista a constituição dos discursos de exortação, encontra-se na composição do *páthos*, ou seja, enquanto na *Anábase* notamos um auditório formado por mercenários gregos, na *Ciropedia* está retratado um exército persa, ou pelo menos não grego, levando em consideração que se trata da visão de Xenofonte sobre uma sociedade que não lhe é totalmente familiar. Vale lembrar que o método de investigação a respeito de outras culturas por historiadores gregos estava muito limitado pela repugnância em aprender línguas estrangeiras, pois os estudos etnográficos, inaugurados para finalidade de metodologia histórica por Heródoto, se baseavam na consciência da distinção entre gregos e bárbaros (MOMIGLIANO, 1993 p. 13). Além disso, percebe-se, no decorrer da *Ciropedia*, algumas características genuinamente gregas associadas a práticas persas, como costumes religiosos e similaridades espartanas com o exército de elite de Ciro, o Grande.

4.1 Considerações Sobre o Método

Pretende-se aqui destacar diferenças técnicas, como artifícios retóricos e núcleos argumentativos, nos discursos de exortação militar expostos nas duas referidas obras, com a finalidade de identificar a influência da noção de pertencimento nas arengas em Xenofonte. Em termos técnicos, este trabalho fundamenta-se em distinguir tal noção sob a análise do *lógos* mediante a influência que o *páthos* – que, a princípio, diverge nas duas obras – exerce no *éthos* do general exemplar. É importante destacar que tal interação entre o *éthos* e o *páthos*

é demarcada de maneira explícita, quando, em meio às arengas, articula-se a reação do auditório para com o desempenho do orador e, conseqüentemente, este mantém ou adapta as estratégias de seu discurso de acordo com sua percepção do auditório.

Para identificar tais artifícios retóricos e núcleos argumentativos, recorre-se a alguns referenciais teóricos úteis para o empreendimento em questão. Com o fim de qualificar certas considerações referentes à análise das obras, utilizam-se o método de leitura retórica de textos de Olivier Reboul (2004) a classificação de argumentos de Chaim Perelman e Olbrechts Tyteca (1996) e os conceitos acerca da retórica de Michel Meyer (2007).

A leitura retórica de textos, conforme Reboul, consiste em definir no que ele é persuasivo e quais elementos argumentativos e oratórios estão dispostos em um determinado discurso (2004, p. 139). Primeiramente, é importante verificar algumas questões a respeito do orador – é relevante entender quem está discursando, o contexto da época, a que o orador está se opondo em seu discurso, quais os objetivos deste e como ele se manifesta. Em segundo lugar, é preciso levar em conta as características do auditório, como seu tamanho, suas peculiaridades culturais, sua competência – o que qualifica o modo como o orador se dirige a ele –, suas ideologias políticas e religiosas. A maior parte dessas questões já foi atendida ao tratarmos do autor e de alguns aspectos da sociedade grega, mas algumas considerações, como diferentes emissores, serão desenvolvidas de acordo com a necessidade das reflexões propostas por este trabalho.

É importante notar ainda, entre o orador e o auditório, a existência de um acordo prévio, pois a controvérsia “só é possível no âmbito de um acordo em comum” (REBOUL, 2004, p. 142). Por fim, cabe avaliar questões a respeito do discurso em si, ou seja, a disposição de suas ideias e a classificação dos argumentos.

Dos tipos de argumentos, Aristóteles nos concebe dois: ou damos provas para persuadir por meio de um *exemplo*, o que se trata de um método indutivo, ou por *entimema*, criando um silogismo imperfeito (ARISTÓTELES, *Retórica*, 1, 2, 1357b).

O *exemplo*, como artifício retórico, é uma “indução dialéctica, que vai do fato ao fato, passando pela regra subentendida” (REBOUL, 2004, p. 154). De uma forma geral, podemos dizer que, tendo em vista um fato passado, é possível avaliar um fato futuro devido a uma determinada identidade presente em ambos.

$P(x)$, $P(y)$, portanto se $x = y$ e, como $Q(x)$, temos $Q(y)$, ou, em termos de prioridades, $P = Q$. (...) César recebeu poderes especiais e se comportou como tirano, Napoleão

fará o mesmo. César é um *x* que é P, ora *x* também é Q; portanto *y*, que é P, também será Q por indução (MEYER, 2007, p. 76).

O *silogismo* trata-se de uma série de premissas que nos levam a uma determinada conclusão. Por exemplo: os gregos são mortais; Sócrates é grego; logo Sócrates é mortal. A *entimema* se destaca por ser um silogismo imperfeito, pois oculta uma das premissas. A utilidade de tal recurso está em não permitir que o auditório reflita o bastante sobre algo que não se mostra explícito.

(...) não estipulando todas as premissas, o locutor se poupa da preocupação de ter a atenção voltada para premissas muitas vezes contestáveis. O silêncio tem o mérito de não chamar a atenção sobre elas e de fazer passar como evidentes. Se dissermos “Esse homem matou a esposa porque brigava sem parar com ela e queria se casar com a amante”... isso pode ser o elemento móvel, o *porquê* de seu gesto, se confirmado que ele o cometeu. Nada obsta a esse *entimema* supor como premissa uma afirmação das mais contestáveis, a saber que os homens que brigam com a esposa a matam e aqueles, além disso, têm uma amante querem se casar com ela. E, no entanto, dizer tal coisa *basta* para lançar a suspeita, apesar do caráter problemático da generalidade que isso supõe (MEYER, 2007, p.73).

No entanto, o *Tratado da argumentação* de Perelman e Tyteca classifica os argumentos em quatro tipos, levando em consideração a relação entre as premissas. A identificação desses argumentos resume-se em os quase lógicos (2006, p. 219) – como “um tostão é um tostão”; os que *são baseados na estrutura do real* (2006, p. 297) – como o argumento *a fortiori*; os que *fundamentam a estrutura do real* (2006, p. 399) – como a analogia; e os que *dissociam uma noção* (2006, p. 467) – como *distinguo* entre aparência e realidade.

Por fim, serão utilizados os conceitos da *negociação das distâncias* e da *teoria da problematicidade* desenvolvidos nas obras de Michel Meyer. Com a finalidade de obter maior sensatez das considerações, julgou-se necessária a aplicação de tais noções por tratarem de forma particular da questão da identidade e da diferença na concepção da retórica.

Para além da classificação de argumentos presente em qualquer manifestação discursiva, é importante considerar também tipologias específicas desenvolvidas a partir do estudo de discursos de exortação militar na antiguidade. Publicada em 1908, conforme Zoido (2007, p. 23), uma obra clássica sobre o tema – intitulada *Die παρακλητικοί in der griechischen und römischen Literatur* de autoria de J. Albertus – destaca os lugares comuns nas arengas militares divididos em seis núcleos argumentativos:

- *éthos* – O comportamento dos antepassados e da pátria em ocasiões prévias.
- *díkaiōn* – A consideração de uma ação de acordo com a divindade.

- *symphéron*– Os benefícios da contenda, tanto para o indivíduo quanto para a comunidade.
- *dynaton/rhádion*–A possibilidade e a facilidade de conseguir a vitória por meio da superioridade numérica, da experiência militar, do armamento ou da posição estratégica.
- *endóxon/kalón*–Os motivos éticos da exortação.
- *ekbesómenon*–A desonra que a derrota pode provocar aos familiares.

Diante da necessidade de estabelecer a dimensão do *páthos* e a emergência do discurso em cada arenga, para desse modo obter resultados mais honestos das comparações, é de importância capital utilizar a tipologia adaptada (CENTENO *et al.* 2007, p. 537) a partir da que fora elaborada originalmente por Hansen (1998, p. 59). Nesse sentido, com o fim de satisfazer parâmetros pragmáticos, retóricos e literários abordando maior leque de possibilidades, verificamos a classificação das arengas militares em seis tipos:

- *Tipo 1*: Arenga dirigida aos capitães do exército antes de um combate.
- *Tipo 2*: Arenga dirigida a uma assembleia de tropas em um momento (horas ou dias) anterior ao combate.
- *Tipo 3*: Arenga dirigida em formação no campo de batalha antes do combate (sem indicação de movimento por parte do general).
- *Tipo 4*: Revista das tropas ou *epipólesis* – costuma ocorrer antes da batalha, mas pode também acontecer no meio ou depois do conflito.
- *Tipo 5*: Arenga dirigida à tropa em meio do combate.
- *Tipo 6*: Arenga dirigida aos soldados depois do combate.

4.2 As Arengas Militares na *Anábase*

A *Anábase* conta, ao discorrer dos sete livros, com quatorze arengas militares, de acordo com o “*corpus* de arengas da historiografia grecolatina” (CENTENO *et al.* 2007, p. 537). Com o fim de otimizar a análise dos discursos, em torno destes, encontra-se, em *itálico*, o contexto juntamente com a interação, entre as arengas, dos personagens na trama. Tais discursos de exortação estão dispostos neste trabalho conforme a tradução de Aquilino

Ribeiro¹⁰ – mantendo a ortografia portuguesa de 1957 que em muito se diferencia da nossa atual –, numerados com algarismos romanos segundo a ordem crescente das passagens, pela tipologia que define a emergência da arenga (CENTENO *et al.* 2007, p. 537) e por seus emissores, como demonstrado na seguinte tabela:

Tabela 1-Arengas Militares da <i>Anábasis</i>			
ORDEM	PASSAGEM	TIPOLOGIA	EMISSOR
1	1.7.3-4	1	Ciro
2	1.7.6-7	1	Ciro
3	1.8.12	4	Ciro
4	3.1.15-26	1	Xenofonte
5	3.1.35-45	1	Xenofonte
6	3.2.2-3	2	Quirísofo
7	3.2.4-6	2	Cleanor
8	3.2.8-32	2	Xenofonte
9	3.2.34-39	2	Xenofonte
10	3.4.46	4	Xenofonte
11	4.8.14	4	Xenofonte
12	5.4.19-21	2	Xenofonte
13	6.3.12-18	2	Xenofonte
14	6.3.23-4	4	Xenofonte

Tabela 1 – Arengas Militares da *Anábasis*

Visando a obter um panorama geral das arengas na *Anábasis*, é importante atentar às características mais abrangentes de tais discursos. Desse modo, tendo em vista a Tabela 1, é possível notar que apenas quatro dos quatorze discursos são de *Tipo 1*, ou seja, articulados apenas para os capitães do exército. Portanto, a primeira conclusão plausível digna de observação é da importância de que esses discursos sejam dirigidos a um auditório composto pelo montante das tropas, e não somente pelos representantes das unidades. Em relação aos emissores, pode-se notar a predominância de Xenofonte, que declama nove das arengas expostas na obra, enquanto o segundo maior orador, que se trata de Ciro, o príncipe persa, é autor apenas das três primeiras arengas.

¹⁰ XENOFONTE. **A Retirada dos Dez Mil**. Tradução de Aquilino Ribeiro. Amadora, Livraria Bertrand: 1957. Quando pertinente, devido à análise de discurso, alguns termos – como denominações de deuses e instituições – serão retomados do seu vocábulo original em grego. Para essa finalidade, toma-se de empréstimo a vasto banco de dados de textos clássicos provindos do <http://www.perseus.tufts.edu/>

Começamos levando em consideração o corpo das arengas da obra, os discursos do príncipe persa, já que estes inauguram o conjunto de tais exposições entoadas a partir dos gerais. Para isso, é importante compreender que a liderança que Ciro empreende envolve um primeiro momento da *Anábasis*, em que acompanhamos o príncipe persa tomar um considerável contingente de mercenários gregos para marchar contra seu irmão e se apossar do trono do Império Aquemênida.

4.2.1 Arengas I e II – Anábasis (1.7.3-4) (1.7.6-7) –Tipo 1– Emissor: Ciro

I –*Gregos*, tomei-vos ao meu serviço não porque me faltassem bárbaros; nada disso; tomei-vos porque vos considero superiores a eles. O que vos peço agora é que vos mostreis, como sois, dignos daquela liberdade que tendes pelo sumo bem e que eu prefiro a todas as riquezas. Deixai-me advertir-vos de que força é o inimigo que ides combater. Pela quantidade é enorme e avança soltando urros. Se lhe aguentais, porém, o ímpeto balofo, vereis logo - coro até de vergonha em o dizer - que raça de gente produz essa terra. Vós que sois homens comportai-vos como tal e prometo pôr na Grécia, enriquecidos com dons que não deixarão de despertar inveja, aqueles que queiram voltar; os que quiserem ficar, e espero que seja a maioria, ao meu lado hão-de ter maior fortuna do que aquela que poderiam encontrar na sua terra.

Gaulites, banido de Samos e homem muito dedicado a Ciro, falou-lhe deste modo: “há quem pretenda, Ciro, que hoje nos fazes muitas promessas, porque te achas sob o acicate do perigo, mas que amanhã, depois da vitória, nunca mais te lembras de nós. Também não é raro ouvir-se dizer que, embora quisesse satisfazer os compromissos, não terias meio de o fazer ao que são de desmesurados.

II – O império de meus pais, *soldados*, estende-se para o Sul até uma zona vedada pelo calor tórrido de ser habitada pelo homem, para o Norte a paragens também desertas por causa do frio rigoroso que lá reina; o Centro é governado por sátrapas, partidários todos de meu irmão. Eu só me quero convosco; se venço, quem há-de ir ocupar essas satrapias, senão vós? O meu medo é que, em caso de êxito como espero, me falte gente para tais cargos. Estai, estai tranquilos que sereis recompensados; cada um de vós pode, além do mais, contar com uma coroa de ouro.

4.2.1.1 Considerações a respeito das arengas I e II – Anábase

No primeiro discurso da obra, Ciro demonstra grande conhecimento da cultura grega e sua pretensão de utilizar-se desse saber para motivar os capitães diante do inimigo bárbaro. Evoca-se claramente, com notável eloquência por parte do orador, a noção de pertencimento presente no conjunto de valores helenos.

É perceptível tal recurso já no início da arenga, quando ele se refere ao auditório como *gregos*. Traduzindo literalmente do original *hō ándres hēllenes*¹¹, tem-se a frase “Ó homens helenos”, o que demonstra o interesse de Ciro em tratar seu auditório por uma palavra que represente uma cultura da qual todos seus membros fazem parte. Embora só essa palavra deixe implícito um conjunto de valores originários das sociedades gregas, o emissor do discurso também deixa explícitas algumas características que fundamentam tais valores. Quando ele exalta: “O que vos peço agora é que vos mostreis, como sois dignos daquela liberdade que tendes pelo sumo bem e que eu prefiro a todas as riquezas.” Ciro demonstra a sua admiração por algo que todos os membros do auditório têm em comum, ou seja, a liberdade.

O orador também declara enfaticamente a superioridade dos gregos em relação aos bárbaros. Logo, trata por inferior aquele que não pertence ao conjunto dos *homens helenos*, isto é, as comunidades estrangeiras alheias à língua e aos costumes gregos. Dessa forma, de acordo com os conceitos de Michel Meyer, notamos que Ciro está negociando a identidade entre os gregos e a diferença destes para com os bárbaros, destacando os helenos pela qualidade de serem livres. Segundo Meyer, aí se encontra a ação da retórica, quando esta “atua na identidade e na diferença entre indivíduos, e é desse tema que ela trata, por meio de questões particulares, pontuais, que concretizam sua distância” (MEYER, 2007, p. 27). Neste caso, notamos que Ciro firma também a identidade dos helenos em função da alteridade destes para com os bárbaros, desenvolvendo assim um *lógos* aparentemente muito apropriado para uma comunidade grega.

No entanto, os argumentos que evocam a noção de pertencimento não parecem surtir qualquer efeito, pois a única reação do auditório descrita pelo autor após a arenga é a preocupação de que o príncipe persa não cumpra com o seu compromisso para com os gregos em relação à promessa de enriquecê-los em caso de vitória na contenda com seu irmão. Ao perceber a real disposição do *páthos*, ou seja, dos verdadeiros valores implícitos das respostas

¹¹ ὦ ἄνδρες Ἕλληνες no alfabeto original.

fora de questão que se mostram pertinentes ao auditório, Ciro habilmente molda o *lógos* para obter uma resposta positiva dos capitães que pouca importância deram para seus argumentos anteriores. O orador expõe um novo discurso de exortação, mas agora utilizando *symphéron* – isto é, “o útil”, “o benéfico” – como núcleo argumentativo, o que nesse caso significa a possibilidade de uma farta recompensa com ouro e, para aqueles que assim desejarem, cargo de sátrapa até então ocupados por partidários de seu irmão. O abandono da estratégia retórica de incitar a noção de pertencimento como manobra motivacional se torna visível logo no início da arenga II, quando ele passa da expressão *hō ándres hēllenes* para apenas *hō ándres*¹² para se referir ao auditório, ou seja, literalmente de *homens helenos* para apenas *homens*. Este último discurso provoca uma reação positiva do auditório, pois, conforme o próprio texto, “os que ouviram a arenga, além de ficar cheios de entusiasmo, foram dizê-lo aos outros”.

Embora a primeira arenga proferida por Ciro tenha sido de fato bela, isto é, cumprindo bem a função de um discurso epidíctico, ele peca por não reconhecer que seu *éthos* era inadequado para inspirar uma noção de pertencimento, visto que ele não possuía uma identidade com o auditório. O orador não pertencia a essa comunidade a que ele queria inspirar pertencimento e, mesmo negociando a identidade dos gregos em função da alteridade destes para com os bárbaros, houve sempre uma distância consolidada entre o orador e seu auditório. Em segundo lugar, nesse primeiro momento da obra, é importante notar que o auditório não se trata de uma comunidade, não havia uma *pólis* se deslocando no campo de batalha, mas sim um apanhado de mercenários provindos de sociedades diversas, isto é, diferentes *poleis*, com algumas características em comum entre si. Portanto, embora o *lógos* esteja impecável para um discurso voltado a uma comunidade grega, houve, no entanto, uma má percepção do *páthos* por parte do *éthos* no primeiro discurso. Contudo, tal inconveniente foi corrigido na segunda arenga, em que o *éthos* de Ciro adapta seu *lógos* com a finalidade de atingir os reais valores do auditório.

4.2.3 Arenga III –Anábase(1.8.12) – Tipo 4 – Emissor: Ciro (Estilo Indireto)

Correndo a todo lés dos esquadrões, seguido de Pigrete, o intérprete, e de três ou quatro persas, ordenou o príncipe a Clearco que atacasse ao centro que lá deveria estar o rei.

¹²  ὄνδρες no alfabeto original. Na tradução de Aquilino Ribeiro, está exposto apenas como *soldados*.

III- Se ganhamos ali – exclamou - a vitória é certa!

A arenga III, por estar exposta na obra em estilo indireto de discurso, não é examinada aqui, tendo em vista a limitação que o estilo impõe à análise retórica.

4.2.4 Arengas IV e V –Anábase (3.1.15-26) (3.1.35-45) – Tipo 1– Emissor: Xenofonte

IV – Camaradas - disse-lhes ele - não posso dormir nem descansar com o quadro que tenho diante da vista, e a vós sucede com certeza a mesma coisa. É claro como a água que o inimigo não romperia conosco se não julgasse preparado. E nós que fazemos para nos defender? Se por desmazelo caímos no poder desse rei que cometeu a barbaridade de mandar cortar a cabeça e a dextra do próprio irmão, depois de morto, e de arvorá-las numa cruz, que sorte imaginamos que nos espera a nós que marchámos contra ele para o reduzir à escravidão ou matá-lo, se estivesse no nosso querer? Não irá recorrer aos maiores suplícios, à morte infamante, de forma que espante o mundo e faça perder aos exaltados a vontade de o guerrear? Camaradas, a nossa obrigação é fazer para lhe não cairmos nas garras. Deixai que vos diga: grandes foram minhas penas como gregos, enquanto duraram as tréguas. Fazia-me inveja a felicidade deste Artaxerxes e do seu povo ao considerar a vastidão e a fertilidade da terra, a sua fartura, a cópia de escravos, a do gado, de oiro, de tudo muito. Mas logo a seguir, quando atentava na situação dos nossos soldados, que não podiam gozar-se de tantos bens senão à força de espórtula¹³, e que poucos eram em condições de fazê-lo, tolhendo-os os juramentos de empregar outros meios, quando atentava em tudo isto, a paz impacientava-me mais do que hoje me atemoriza a guerra. Uma vez que romperam o pacto, não é verdade que implicitamente puseram cobro aos seus achincalhes e aos nossos escrúpulos? Os bens que esses Persas usufruem são como um prêmio ao mais nobre. Entre eles e nós os Deuses declarar-se-ão em nosso favor. E como não se os bárbaros os provocarem com seus perjúrios, enquanto nós, com mil tentações à volta, nos mantivemos fiéis a nossos juramentos e aos Deuses imortais?! A meu ver, podemos sair mais confiados que eles a combate. Pela compleição de nossos corpos, estamos mais aptos do que eles a resistir ao frio, ao calor e aos trabalhos. As nossas almas são de têmpera mais rija; e com a ajuda dos Deuses, sob o nosso braço, os homens deles hão de cair como tordos, mais débeis e menos resistentes em tudo do que nós. O que eu penso outros o terão pensado igualmente. Em nome dos Deuses, não percamos, porém, tempo a esperar que outros saiam a exortar-nos! Dêmos, antes de mais

¹³ “Auxílio em dinheiro”, ou mesmo “esmola”.

ninguém, o exemplo de coragem que todos devem imitar! E vós mostrai que sois oficiais valentes, mais dignos de ser capitães do que os próprios capitães. Quanto a mim, para onde vós fordes vou eu; se quiserdes para chefe, respondo: presente! Não darei por escusa os meus poucos anos, já que me acho com força bastante para arcar com as responsabilidades.

Assim falou Xenofonte. Inflamados por estas palavras, os comandantes de coorte incitaram-no, todos à uma, a pôr-se à testa do exercício.

V – Todos vós sabeis – disse ele – que Artaxerxes e Tissafernes se mais gregos não prenderam e mataram é que não puderam; é também fora de dúvida que hão-de procurar armar a rede aos que restam e dar cabo de nós todos, só se não acharem maneira. O problema, pois consiste em escapar-lhes das unhas e, se é possível, fazer-lhes a eles o que pensam fazer-nos a nós. Ora eu creio que tal contingência depende, sobretudo, da vossa vontade. Os soldados têm os olhos nos seus oficiais: se os virem abatidos, admira que procedam como cobardes! Se os acharem porém resolutos, dispostos a enfrentar com o inimigo, dado que os exortem com alma, sem dúvida se portarão com brio e heroicidade. De resto, é a vossa obrigação. Sois estratégicos, taxiarcos, chefes de falange, diferentes pois do soldado raso. Em tempo de paz tínheis direito a maior soldo e a maiores honras: agora, que estamos em guerra, tendes que mostrar-vos zelosos em superar pelo valor à soldadesca; deveis, se tanto for necessário, assinalar-vos pela previdência e a bravura. Primeiro que tudo, se quereis desde já prestar bom serviço à vossa causa, tratai de substituir os capitães que baquearam. Sem chefes nada de definitivo e de útil se pode conseguir, mormente na guerra. A disciplina é a boa saúde do exército; a indisciplina a sua perda. Elegei superiores e a primeira coisa que há a fazer é reanimar a coragem dos soldados. Há que convocá-los e falar-lhes. Decerto observastes, como eu, com que desânimo pegaram ontem à noite das armas e com que moleza as sentinelas se dirigiram para os plantões. Soldados assim não servem para nada. Se houvesse maneira de distrair-lhes o pensamento para outro objeto; se em vez de se preocuparem exclusivamente com a ideia do mal que pode acontecer-lhes, se ocupassem de preferência, com a ideia do mal que podem fazer ao inimigo, porventura se lhes desse volta ao ânimo. Bem sabeis que na guerra não é a multidão e a força que arrancam a vitória e que o embate do inimigo se quebra sempre contra a hoste que lhe oferece, com a ajuda dos Deuses, uma frente tersa e inquebrantável. Tenho notado igualmente que, nas refregas, aquele que procura a todo o custo salvar o seu rico corpo cai quase sempre sem honra nem vergonha; aquele que pensa que a morte é uma só e que, a morrer, mais vale morrer de pé e vendendo caro a vida boas probabilidades de sair de peleja com a saúde toda e gozar da existência através duma feliz e

provecta idade. Persuadidos como estamos todos da sabedoria dessas máximas, não temos outro remédio senão ter coragem e dar exemplo aos mais.

4.2.4.1 Considerações a respeito das arengas IV e V – Anábase

Embora os gregos tenham sucesso na batalha para destronar Artaxerxes, Ciro morre no conflito. O evento em questão inaugura a principal fase da obra, ou seja, quando milhares de mercenários gregos se encontram desamparados em território hostil. O rei persa promete ajuda no retorno destes para casa, no entanto, tal manobra não passa de um arдил para matar as principais lideranças gregas. Mesmo depois desse artifício, Artaxerxes continua a determinar que os gregos não avancem e nem recuem, permanecendo sob a vigia do rei. Nesse momento, acompanha-se a ascensão da liderança de Xenofonte que, desde então, declama – com a exceção de duas arengas que servem de introdução para outra sua – o restante dos discursos de exortação presentes na obra. Analisando a Tabela 1, notamos que Xenofonte inicia sua sequência de discursos com duas exposições exortativas de *Tipo 1*, isto é, ele declama as arengas IV e V apenas para capitães. O restante dos discursos é para uma assembleia de tropas – isto é, arengas de *Tipo 2* – ou proferido durante a revista das tropas – ou seja, arengas de *Tipo 4*.

Contudo, os discursos IV e V sendo apenas para capitães, os quais ele quer convencer a se rebelar contra as ordens do rei persa e retornar com os gregos para a Hélade, também sustentam a noção de pertencimento em seus argumentos. Quando ele declara, em meio à arenga IV que “a meu ver, podemos sair mais confiados que eles a combate”, Xenofonte se apoia, para legitimar tal afirmação, em dois núcleos argumentativos de J. Albertus (ZOIDO, 2007, p.23): *dikaion*, isto é, “o justo” tendo em vista os desígnios divinos; e *dynaton*, ou seja, “o forte” ou “o potente”.

O primeiro é ressaltado significativamente no corpo do discurso, por meio de expressões do tipo: “em nome dos Deuses” ou “com ajuda dos Deuses”. Porém, referindo-se à traição dos persas no episódio do assassinato dos capitães gregos – que fora cometido mesmo sob a tutela de juramentos – é que ele torna muito evidente a oposição deles para com os bárbaros em relação à cordialidade dos deuses. Dessa forma, Xenofonte declara para os capitães a seguinte exortação: “Entre eles e nós, os Deuses declarar-se-ão em nosso favor. E como não se os bárbaros os provocaram com seus perjúrios, enquanto que nós, com mil tentações à volta, nos mantivemos fiéis a nossos juramentos e aos Deuses”. Utilizando o

segundo núcleo argumentativo, Xenofonte coloca em oposição a força dos gregos com a debilidade dos bárbaros quando incita: “Pela compleição dos nossos corpos, estamos mais aptos do que eles a resistir ao frio, ao calor e aos trabalhos. As nossas almas são de tempera mais rija”. No discurso V, ele retoma o *dikaion*, o “justo”, novamente com a expressão “com a ajuda dos Deuses”.

Ao final do discurso, tem-se um novo corpo de capitães, do qual Xenofonte agora faz parte. É importante destacar, desses dois núcleos argumentativos, que ambos carregam implicitamente a noção de identidade, pois, de acordo com esses elementos na arenga, todos os que integram o auditório, em oposição aos bárbaros, são dignos dos favores dos mesmos deuses e são constituídos de maior resistência. A reação ao *páthos* do discurso foi positiva, uma vez que, conforme a arenga, “inflamados por estas palavras, os comandantes de coorte incitaram-no, todos à uma, a pôr-se à testa do exército”.

4.2.5 Arengas VI e VII –Anábase (3.2.2-3) (3.2.4-6) – Tipo 2– Emissor: Quisrísofo/Cleanor

VI – Soldados, a perda que acabamos de sofrer de estratégicos de coorte¹⁴ e de simples camaradas, torna a nossa situação difícil. Para mais, fomos traídos pelas tropas de Arieu, ontem nossas aliadas. Mas para tudo há remédio e temos que nos safar do atoleiro, como gente de brio que somos. Em vez de deixamos desmoralizar, tentemos com ânimo denodado a fortuna das armas. Antes morrer que entregarmo-nos a um inimigo vil e carniceiro.

A seguir teve a palavra Cleanor, de Orcómeno:

VII – Estão bem patentes, soldados, o perjúrio do rei Artaxerxes e sua impiedade, e bem patente, igualmente, a perfídia de Tissafernes. Depois de nos dizer que, na qualidade de vizinho, tinha o maior empenho em nos salvar; depois de nos jurar paz e dar a mão, mandou prender os nossos capitães. Nem mesmo temeu Júpiter Hospitaleiro¹⁵; para melhor nos enganar sentou Clearco à sua mesa. E este Arieu, que nós quisemos elevar ao trono, que trocou conosco a fé jurada, que assumiu o compromisso de jamais nos separarmos, este Arieu, sem temor dos Deuses nem respeitar a memória de Ciro que o cumulou de honras, passa-se para os inimigos ferozes desse príncipe e procura perder-nos a nós, amigo dele! Oxalá os

¹⁴ Estratégias de coorte é uma denominação latina para o termo grego στρατηγέω, que significa “general”.

¹⁵ Do original Δία ξένιον que significa Zeus Hospitaleiro, protetor dos estrangeiros.

Deuses castiguem os celerados! Testemunha desta felonía, toda a nossa cautela é pouca contra eles! Mas avante! Avante contra os traidores e confiemos na vontade dos Deuses!

4.2.5.1 Considerações a respeito das arengas VI e VII – Anábasis

Em seguida, encontra-se a necessidade de expor tal resolução para a assembleia de tropas. Nessa ocasião, temos um evento ao qual se sucedem quatro arengas: uma exortada por Quirísófo– com o discurso IV –, outra por Cleanor– na arenga VII – e as duas últimas por Xenofonte –VIII e IX. Os discursos VI e VII servem para abordar o problema que Xenofonte vai desenvolver de forma mais ampla em uma exortação mais extensa. Quirísófo vai apenas relevar a necessidade de ânimo às tropas, enquanto Cleanor vai falar a respeito dos gregos aliados ao príncipe persa que tiveram participação na traição. Neste último, notamos o elemento religioso bem recorrente pra uma arenga relativamente pequena reforçando o senso de identidade como na arenga IV, mas negociando a diferença com ao traidor helleno que “Nem mesmo temeu Júpiter [Zeus] Hospitaleiro”.

4.2.6 Arengas VIII e IX - Anábasis (3.2.8-32) (3.2.34-39) – Tipo 2– Emissor: Xenofonte

Xenofonte ergueu-se a seguir, revestido de belas roupagens e das armas mais magníficas que pôde encontrar. Considerava que se os Deuses lhes concedessem a vitória uma bela indumentária não ficaria mal aos vencedores e que, se houvessem de sucumbir, tão-pouco haveria mal em passar para o outro mundo elegante e cuidado de sua pessoa. Encabeçou o discurso nestes termos:

VIII – Falou-vos Cleanor dos perjúrios e da perfídia dos bárbaros. Presumo que estais bem inteirados. Se se tratasse, em nossas deliberações, de nos reconciliar com eles, necessariamente teríamos que desalentar ao pensamento da injúria que sofreram os nossos capitães¹⁶, os quais, fiados na palavra dada, foram com os seus algozes sem a mínima cautela. Mas se propomos vingarmo-nos, de armas na mão, do mal que praticaram connosco, temos, com a ajuda dos Deuses, esperança de passar esse transe com honra e glória.

Enquanto Xenofonte falava, aconteceu um grego espirrar. Todos, imediatamente, deram graças ao Deus que lhes mandava tal presságio. E Xenofonte exclamou:

¹⁶ στρατηγός no texto original

Pois no mesmo instante em que nos ocupamos da nossa salvação, Júpiter Salvador¹⁷ nos augura bom êxito, façamos voto de lhe oferecer um holocausto, a ele em particular e aos outros Deuses imortais segundo a devoção de cada um, mal se chegue a terra amiga. Aqueles que estiverem de acordo, ergam o braço...

Todos ergueram. Pronunciou-se o voto em voz alta e cantou-se o pean. E após o preito à Divindade, Xenofonte prosseguiu.

Dizia eu que temos esperança de passar este com honra e glória... Primeiro, porque somos observadores dos juramentos em que tomámos os Deuses como testemunhas, enquanto os nossos inimigos violaram com maior desfaçatez a religião da fé jurada. Contemos, portanto, que os Deuses combatam por nós, eles que com um aceno abatem os poderosos e exaltam os humildes, guardando-os do perigo. E já que falo de perigo, vou lembrar-vos aquele que correram os nossos maiores, para que fiqueis edificados quanto ao interesse que há em vos comportardes com valentia, mediante a qual e o socorro do Céu não há fortaleza inimiga que prevaleça. Quando os Persas e os aliados vieram à testa dum exército formidável investir Atenas, os Atenienses decidiram-se a resistir e venceram. Tinham feito promessa de imolar a Diana¹⁸ tantas cabras quantos inimigos mordessem o pó. Não lhes sendo possível encontrar número bastante e o voto ainda se cumpre à data de hoje. Quando, em seguida, Xerxes, que tinha reunido um exército inumerável, marchou contra a Grécia, os nossos maiores bateram o inimigo em terra e no mar. Por toda a parte restam troféus da vitória. Mas a maior prova consiste na liberdade das cidades em que viestes à luz e fostes criados, porque nós não reconhecemos outros amos¹⁹ além dos Deuses. Eram assim os antepassados de que procedeis. Não direi que tenham que corar de vós, pois não há muitos dias, postos em linha de combate em face dos descendentes daqueles inimigos vencidos por vossos pais, destroçastes com a ajuda dos Deuses tropas muito superiores em número. Então combatíeis com valor e era para colocar Ciro no trono; hoje, que se trata da vossa salvação, impõe-se que redobreis de denodo e de coragem. Precisaís de atacar com a mais audaz confiança. Então não conhecíeis a natureza do inimigo e todavia, em despeito da sua multidão, ousaste acometê-lo com a bravura que herdastes. Agora, instruídos pela experiência de que os bárbaros, por muito numerosos que sejam, não ousam medir-se convosco, seria razoável temê-los? Quanto à traição das tropas de Ciro, não imagineis que ficámos mais fracos pelo facto de nos deixarem.

¹⁷Do original Διὸς τοῦ σωτήρος que significa Zeus Salvador.

¹⁸Ἄρτέμιδι – Ártemis

¹⁹δεσπότην no texto original, que equivale a Senhor.

Ainda são mais cobardes do que as de Artaxerxes. Não tenhamos pena; mais vale que estejam com o inimigo do que conosco tropas que têm de ser sempre as primeiras a fugir. Se algum de vós desespera porque não temos cavalaria, enquanto o inimigo a tem numerosa, considere que dez mil cavaleiros não são mais do que dez mil homens. Nunca ninguém morreu numa batalha da dentada ou do coice dum cavalo; os homens é que marcam o destino das batalhas. O infante teve sempre melhor supedâneo que o cavaleiro. Içado acima da montada, não só tem de se acautelar dos golpes que lhe vêm de baixo, mas não pode perder de vista o cavalo: duas inquietações. O infante está escorado na terra firme e, como tal, o seu golpe não pode deixar de ser mais rijo e certo. O cavaleiro apenas lhe leva uma superioridade: fugir com mais certeza de pôr o corpo no seguro.

Após um instante de circumspecção, Xenofonte continuou:

Suponhamos agora que, confiados na força do vosso braço, vos apoquentais, no entanto, com a ideia de que falta Tissafernes para nos guiar e que Artaxerxes nos manda fechar os mercados. E que lá tem isso? Vale mais ser guiado pelo malvado dum homem, esse Tissafernes que não pensava noutra coisa senão na maneira de nos desgraçar, ou por pessoas da nossa escolha que sabem que pagam com o corpo qualquer embuste que nos armem? E quanto a mantimentos, não vale mais, em vez de pagá-los do nosso rico bolsinho, tomá-los onde os há e quantos nos dê na gana?

Como visse o ar aprovativo dos soldados, foi adiante:

Há os rios, os grandes rios a atravessar, sem dúvida. Sim, mas os rios tanto nos prejudicam a nós como aos bárbaros. E os cursos de água, se não se passam mais em baixo, passam-se mais em cima, sem molhar o artelho. A questão é remontar à nascente. Mas fosse a sua passagem impraticável seria razão para esmorecer? Ora ouvi: toda a gente sabe que o Mísios, que não são mais valente do que nós, estão à fina força dentro dos estados de Artaxerxes; aqui fundaram cidades consideráveis, e daqui não mexem. O mesmo acontece com os Písidas. Não vimos os Licaónios ocupar as posições que dominam a planície, de modo a poderem cultivá-la e recolher os frutos, e não se aguentam ali e ali vivem?! Pois bem, se o caminho para a nossa terra se tornasse impossível, começaria por vos aconselhar a que não mostrásseis grande empenho em voltar à Grécia, antes tomásseis tais disposições, próprias de quem assenta domicílio. E por isto, porque sei que Artaxerxes está pronto a dar tudo, guias, reféns, aos Mísios se quiserem ir-se embora. Mandava até abrir-lhes uma estrada se aceitassem retirar-se de quadriga! Claro está que procederia da mesma maneira conosco, se nos visse inclinados a

ficar. Mas ficar era ainda o menos. O meu receio é que, habituando-nos a viver na ociosidade e na abundância, gozados das mulheres e donzelinhas persas e medas, que são de belo parecer e bem fornecidas de carnes, não acabássemos, como os comedores de loto, por esquecer o caminho que leva a pátria. Antes de mais nada tratemos de voltar à Grécia, que não seja para mostrar aos nossos concidadãos que se vivem na pobreza é porque querem, pois os bens nesta terra andam aos pontapés e só esperam pelo conquistador.

Calou-se um instante. E, todas fisionomias, abertas e como que esclarecidas duma luz nova, leu Xenofonte a aprovação do que dizia. E prosseguiu:

Resta-me expor a maneira, quanto a mim, de maneira pelo seguro e combater, se tanto for preciso, com vantagem. Sou de opinião, primeiro, que se queimem os carros, para termos o passo desembaraçado e metermos para onde for mister. Depois, que se queimem as tendas. As tendas são uma maçada, e não é com elas que procuramos viveres ou combatermos melhor. Temos ainda que alijar a bagagem que nos é supérflua e guardar apenas as armas com que combatemos e as vasilhas em que comemos o rancho. É a maneira de se ter mais gente nas linhas e menos no trem. E há que mostrar cara alegre. Bem sabeis que os vencidos não têm nada de seu. Se formos nós os vencedores, os inimigos levarão às costas a nossa bagagem e em tudo serão nossos escravos. Ficaremos assim indemnizados do sacrifício de hoje.

Xenofonte fez uma pequena pausa e tornou:

Apenas vos roubo um momento para ventilar um ponto, esse muito importante, o mais importante de todos. Reparastes que os persas não se atreveram a recomeçar com hostilidades senão depois de ter prendido os nossos capitães. Lá imaginaram que nós lhes éramos superiores enquanto chefes e que, sem eles, a desordem que viria a lavrar não deixaria de causar a nossa perda. Pois bem, é preciso que os novos comandantes sejam mais vigilantes que os anteriores e que os soldados se mostrem ainda mais disciplinados²⁰ e mais dóceis²¹ do que até aqui. Se cada soldado ajudar o seu capitão a manter a disciplina e castigar os desobedientes, as esperanças dos persas desvanecer-se-ão ao vento. E como não se, a partir deste dia, vão ter pela frente não um Clearco, mas dez mil Clearcos interessados em que nenhum grego dê mostras de poltrão?! É tempo de acabar; o inimigo não tarda aí. Aqueles que

²⁰ εὐτακτος em grego.

²¹ πειθόμενος em grego, mas no sentido de soldados que podem ser melhor persuadidos, pois a palavra deriva do termo πείθω, isto é, persuasão.

aprovam o que acabo de dizer manifestem-no; se alguém tiver alguma sugestão a fazer, venha ela do mais simples soldado raso, que não se acorde. Assim o exige a salvação de todos.

Se alguém tem alguma coisa a acrescentar- disse Quirísofo- fale, mas fale depressa. Penso que o melhor que temos a fazer é dar a nossa aprovação incondicional ao que Xenofonte acaba de propor. Aqueles que são desta opinião levantem a mão...Todos a levantaram. Xenofonte voltou então a dizer:

IX – Camaradas, temos de estar preparados para determinada contingência, ides ver. Não se discute que o nosso caminho é por aqueles lugares em que haja de trincar. Ora, eu ouço dizer que, a pouco menos de vinte estádios, há povos fartos de tudo. Para lá metemos. Agora muito me espantaria que o inimigo não aparecesse a picar-nos e a atacar-nos pela espalda, semelhante aos cachorros cobardes que atrás do passante, mordem-lhe as canelas se podem, e deitam a fugir se pega duma pedra. E, nestas condições, a melhor ordem na marcha é, penso eu, formar com os hoplitas uma coluna de alas tão afastadas que dentro delas caibam a impedimenta e tudo o que não é combatente de primeira linha. Que dizeis? Se desde já nomeássemos aqueles que devem comandar a hoste, frente, flancos e retaguarda, não teríamos que preocupar-nos com tal matéria quando o inimigo no acometesse...

E, como todos se calassem, desassombradamente proferiu:

Pode haver melhor tática? Se há, vejamos. Se não há, que Quirísofo comande a vanguarda, pois é da Lacedemónia; os dois mais antigos estratégicos tenham a seu cargo os flancos; eu e Timasião, como mais novos de todos, ficamos por agora na retaguarda. O tempo dirá as alterações que convém adoptar. Repito: se alguém tem melhor, fale...

Ninguém o contraditou e concluiu:

Agora, toca a fazer o que ficou decidido e em marcha. Aqueles que desejam voltar para o pé dos seus apenas têm um meio: combater com a coragem toda. Aqueles que tem amor à vida que tratem de alcançar a vitória. O vencedor mata, o vencido morre. O mesmo se pode dizer aos que são cobiçosos da riqueza: vencendo-se, salva-se o que é nosso e toma-se o que é do vencido.

O discurso VIII, proferido por Xenofonte, é, sem dúvida, a arenga mais extensa e com maior disponibilidade de argumentos que reforçam o estilo retórico do autor. Contudo, mantendo o foco na noção de pertencimento, é possível fazer uma série de observações pertinentes.

Primeiramente, assim como acontecera de forma recorrente nos discursos anteriores, o núcleo argumentativo *díkaion*, “o justo”, apresenta-se de modo frequente. Notamos a exaltação às divindades às quais todos são devotos, de maneira abreviada, como na passagem “temos, com a ajuda dos Deuses, esperança de passar esse transe com honra e glória”. Também vale destacar que, de modo a interagir com o *páthos*, o orador exorta um suposto presságio – quando um membro do auditório espirra – com o seguinte dizer: “Júpiter [Zeus] Salvador nos augura bom êxito, façamos voto de lhe oferecer um holocausto”. Neste caso, Xenofonte não apenas exalta uma característica religiosa que os membros do auditório possuem em comum, como incita a todos a partilharem de uma prática sagrada, que se trata do sacrifício de animais aos deuses.

O *díkaion*, por outro lado, é exposto também, não apenas de maneira tão breve, mas de forma mais complexa neste discurso. Podemos observar novamente a negociação da identidade grega e da alteridade para com inimigo na seguinte exortação:

porque somos observadores dos juramentos em que tomámos os Deuses como testemunhas, enquanto os nossos inimigos violaram com maior desfaçatez a religião da fé jurada. Contemos, portanto, que os Deuses combatam por nós, eles que com um aceno abatem os poderosos e exaltam os humildes, guardando-os do perigo.

Nesse trecho, é perceptível a distância que se impõe entre “nós”, observadores dos juramentos que tomam uma divindade como testemunha, e “nossos inimigos”, que violam costumes sagrados. É importante ressaltar que o “nós” deixa claro que a identidade do orador também está sendo negociada juntamente à do auditório.

Entretanto, há um trecho dessa arenga, no qual Xenofonte vale-se da história, especificamente, das Guerras Médicas, usando o núcleo argumentativo *éthos*, isto é, “o costume”²².

Vou lembrar-vos aquele [perigo] que correram os nossos maiores, para que fiquéis edificadas quanto ao interesse que há em vos comportardes com valentia, mediante a qual e o socorro do Céu não há fortaleza inimiga que prevaleça. Quando os Persas e os aliados vieram à testa dum exército formidável investir Atenas, os Atenienses

²² Neste caso, *éthos* não se trata do conceito de orador como princípio de autoridade no discurso, mas sim em um dos núcleos argumentativos idealizados por Albertus, J. Nesse caso, do comportamento dos antepassados e da pátria em ocasiões prévias.

decidiram-se a resistir e venceram. Tinham feito promessa de imolar a Diana [Ártemis] tantas cabras quantos inimigos mordessem o pó. Não lhes sendo possível encontrar número bastante e o voto ainda se cumpre à data de hoje. Quanto, em seguida, Xerxes, que tinha reunido um exército inumerável, marchou contra a Grécia, os nossos maiores bateram o inimigo em terra e no mar. Por toda a parte restam troféus da vitória. Mas a maior prova consiste na liberdade das cidades em que viestes à luz e fostes criados, porque nós não reconhecemos outros amos além dos Deuses. Eram assim os antepassados de que procedeis.

Em tal passagem, Xenofonte incita a noção de pertencimento de forma implícita quando recorre a um momento histórico no qual todos na Grécia eram helenos enfrentando bárbaros. Em tal argumento, o orador recorre à estratégia indutiva, ou seja, ao uso do *exemplo*, que articula uma identidade entre o auditório e os Helenos vencedores das Guerras Médicas e, ao mesmo tempo, a identidade entre seu atual inimigo e os bárbaros derrotados em tal contenda. Tal artifício – além de induzir o *páthos* à assimilação de que, assim como os antigos gregos, eles identicamente podem vencer – também cria um reforço, no conjunto das premissas, de uma fortíssima incitação à noção de pertencimento a uma comunidade.

Aqui também encontramos o *díkaiōn*, “o justo”, mas dessa vez instigando a identidade dos gregos com a alteridade dos inimigos de forma original, uma vez que enfatizam “a liberdade das cidades” afirmando que não reconhecem “amos além dos Deuses”.

Ao fim do discurso, o orador faz dois apelos de caráter comunitário ao auditório. Em primeiro lugar, ele incentiva a participação de cada soldado na organização do exército, pois afirma que “se cada soldado ajudar o seu capitão a manter a disciplina e a castigar os desobedientes, as esperanças dos persas desvanecer-se-ão ao vento”. Depois, ele pede a participação no próprio discurso, ressaltando que “se alguém tiver alguma sugestão a fazer, venha ela do mais simples soldado raso, que não se acobarde. Assim o exige a salvação de todos”.

Na arenga IX, temos dois aspectos dignos de nota para destacar. Primeiramente, compondo um argumento de terceiro tipo, o qual fundamenta a estrutura do real, observamos a passagem que faz uma analogia (PERELMAN; TYTECA, 2004,p. 423) de uma possível estratégia em que o inimigo pudesse atacar os flancos do exército grego, que deste modo “seriam semelhante aos cachorros cobardes que correm atrás do passante, mordem-lhe as canelas se podem, e deitam a fugir se pega duma pedra”. Comparar os bárbaros com um animal é um modo de consagrar uma distância que o orador não pretende reduzir.

Negociar a distância não é acertado antecipadamente, na maioria dos casos, e a relação interpessoal é então marcada por uma problematicidade que não é destituída de *autoridade*. A negociação não consiste forçosamente em reduzi-la. O insulto, por exemplo, é um procedimento retórico que tem por função assinalar ao outro que o

fosso que o separa do locutor é, dali em diante, não-negociável. Isso explica sem dúvida por que se utilizam nomes de animais, com essa finalidade: eles acentuam uma distância intransponível ou, de qualquer forma, que não desejamos ver abolida (MEYER, 2007, p. 26).

Após isso, é notável que, ao fim do discurso, Xenofonte, que embora implicitamente não demonstre no discurso a necessidade de maiores debates em relação às estratégias que sugeriu, manifesta aberturas para que o auditório fomente a discussão, se assim desejar. Expressões como “Pode haver melhor tática?” ou “Repito: se alguém tem melhor [tática], que fale”, assim como as participações constantes do auditório e as questões expostas no fim do discurso VIII, mostram um caráter deliberativo das arengas que acompanham seu gênero epidíctico.

4.2.7 Arenga X – Anábase (3.4.46) – Tipo 4– Emissor: Xenofonte

Xenofonte galopava dum lado para o outro no seu corcel, incitando os gregos:

X – Camaradas, coragem! Lembrai-vos que é agora que se decide se tornais a ver a Grécia, vossas mulheres e filhos. Mais um arranco, e o resto do caminho é brincadeira. Alma! Alma!

- De cima do cavalo podes fanfar!-lançou-lhe um certo Sotérides, de Sicião. -Se fosses à pata e levasses o escudo como eu levo, não te mostravas tão farola!

Mal ouviu essas palavras, Xenofonte deitou-se abaixo do cavalo, empurrou o soldado para fora da forma, e arrancando-lhe o escudo pôs-se a correr ao lado dos outros.

4.2.7.1 Considerações a respeito da arenga X – Anábase

A partir de então, tem-se discursos mais curtos, mas sobre os quais ainda é possível fazer considerações relevantes. A curta arenga X é uma *epipólesis* que tem por objetivo motivar os soldados a ocuparem uma área privilegiada para se executar a estratégia planejada pelos capitães. Xenofonte, neste caso, é claramente retórico por abordar a questão pelo viés de sua resposta por meio de uma *entimema*, pois almeja levar o auditório a deduzir que, para optar pelo retorno à Grécia, às suas mulheres e aos seus filhos, é necessário um último arranco²³.

²³ Não se qualificou *último arranque* por figura de linguagem, o que de fato é importante na análise retórica, pois no idioma original a expressão é abordada como *olígon ponésantes*, que significa *pouco trabalho*. É importante deixar claro que a passagem, originalmente, tem suas ideias dispostas de forma diferente. No entanto, ainda

É também significativo o fato de o orador incitar, como valores notáveis – os quais são dignos para motivar um auditório exausto a realizar último esforço –, o retorno para Helade e para a sua mulher e seus filhos. Xenofonte opina por não destacar a *pólis* nesse conjunto de valores, uma vez que, de acordo com a concepção que ele passa para o auditório, um retorno à sua comunidade seria um retorno para a Grécia e para sua família. No entanto, essa arenga tem um retorno hostil por parte do auditório, uma vez que um soldado se incomoda com o fato de Xenofonte estar defendendo aquele esforço exaustivo montado em seu cavalo.

Analisando tal resposta negativa ao orador, reparamos que, embora ele tenha buscado criar uma identidade entre os membros do auditório, também impôs uma distância indesejada por se colocar acima da realização da tarefa. Em consequência disso, Xenofonte desce do cavalo, toma o pesado escudo do soldado que havia feito a reclamação e se põe em formação com o restante da tropa.

4.2.8 Arenga XI – Anábase (4.8.14) – Tipo 4– Emissor: Xenofonte

XI- Camaradas, aquela gente é o último empecilho que nos resta a vencer. Temos que fazê-los em estilhas.

(...)Os capitães invocaram os Deuses; de pean na boca os soldados abalaram a passo dobrado.

4.2.8.1 Considerações a respeito da arenga XI – Anábase

O discurso XI também é uma breve *epipólesis*. O objetivo do argumento é exigir um último fôlego dos soldados. Com esse fim, Xenofonte utiliza uma *entimema*, ocultando a premissa de que é necessário vencer um último empecilho – isto é, o inimigo –, fazendo-o em estilhas para vencer, o que de fato, é uma premissa aparentemente questionável.

Também é notável que se trata do argumento de segundo tipo, ou seja, aquele que é fundado na estrutura do real, isto é, o argumento que se apoia “na experiência, nos elos reconhecidos entre as coisas”, nesse caso ainda, um argumento pragmático (PERELMAN; TYTECA, 2004,p. 302).

existe a premissa oculta de que é necessário esse *olígon ponésantes* em respeito ao interesse dos soldados na Grécia, nas suas mulheres e em seus filhos.

4.2.9 Arenga XII – Anábase (5.4.19-21) – Tipo 2 – Emissor: Xenofonte

Os vencedores cortaram a cabeça aos mortos e mostraram-nas aos mossínicos ocidentais e aos gregos, dançando e cantando hinos heroicos. Com tal facto muito se constringiram os gregos, não só por o inimigo vir a tomar ousio com o lance, mas por terem visto os companheiros voltar a cara, coisa nunca sucedida desde o começo da expedição. Foi por via disso que Xenofonte convocou as tropas e lhes disse:

XII – Camaradas, não desanimeis com o que acaba de acontecer. Em última análise vereis que ainda ganhámos mais do que perdemos. Primeiramente, ficámos a saber que de facto os Mossínicos andam em guerra uns com os outros; Segundo, aqueles que se não importaram com as nossas advertências reiteradas e lhes pareceu que a companhia dos bárbaros também podia convir foram bem castigados. Para outra vez, esses que têm o pé alceiro não se afastarão para tão longe do campo. Agora, temos de mostrar aos bárbaros, que fizeram aliança connosco, que valemos mais do que eles, e aos adversários que vão ter pela frente gente diversa daquela com que se mediram há pouco.

4.2.9.1 Considerações a respeito da arenga XII – Anábase

Na arenga XII, Xenofonte almeja reanimar as tropas, após um fatídico evento em que poucos gregos, na esperança do saque, pereceram ao participarem de uma contenda – sem a devida autorização dos oficiais – entre os Mossínicos do Oeste e os do Leste. É interessante constatar que a noção de identidade, que vinha sendo reforçada por argumentos implícitos e exposições explícitas nas arengas anteriores, teve êxito, ao contemplar a passagem (5.4.18), que antecede o discurso em questão: “Com tal facto muito se contristaram os gregos, não só por o inimigo vir a tomar ousio com o lance, mas por terem visto os companheiros voltar a cara, coisa nunca sucedida desde o começo da expedição”.

Nessa ocasião, os gregos não apenas lamentam a queda de outros gregos, mas principalmente o fato de que alguns optaram por abandonar a comunidade e seguir seus próprios interesses. Xenofonte, para recuperar o ânimo das tropas, usa como um de seus argumentos o fato de que “aqueles que se não importaram com as nossas advertências reiteradas e lhes pareceu que a companhia dos bárbaros também podia convir foram bem castigados”. Logo, o orador tenta converter a fatalidade da perda de membros da comunidade

em um justo castigo para aqueles que preferiram a companhia dos bárbaros. Com o discurso, por um lado, Xenofonte negocia a identidade entre os bárbaros e os gregos que preferem sua companhia, impondo assim uma distância para com o restante dos helenos. Após isso, ele incita o auditório a mostrar para os bárbaros inimigos que são “gente diversa” dos gregos que pereceram, o que confirma a intenção de Xenofonte em impor tal distância.

4.2.10 Arenga XIII – Anábase (6.3.12-18) – Tipo 2 – Emissor: Xenofonte

XIII – Bem sabeis, camaradas, que não tenho prazer nenhum em expor-vos ao perigo. Mas, agora não se trata de dar provas de valentia, que já destes até de mais, mas de salvarmos a vida. Notai bem: nós não podemos voltar atrás sem combater. Se não vamos de cara para o inimigos, é ele que virá contra nós e nos atacará pelas costas. Dizei-me: qual vale mais atacar de frente, ou voltar o rosto a cada passo para repelir a agressão? Bem sabeis que se não há estímulo algum em retirar diante do inimigo, acozá-lo dá alma até aos cobardes. Por isso, acozá-lo dá alma até aos cobardes. Por isso eu preferia saltar-lhe às canelas, com metade das tropas que levamos, a retirar com forças duas vezes mais numerosas. De resto, podeis ter a certeza que não é gente para aguentar o combate, mas que, se nos Vêem recuar, tornar-se-ão tremendo a perseguir-nos. Uma vez atravessada esta barroca, não será também esta uma ótima posição para oferecer combate? Não é a segurança pela espalda? Por minha parte sempre desejei que os caminhos ficassem livres ao adversário para retirada e que o acidentado dos lugares era, ainda e sempre para nós, a lição certa de que só na vitória podemos encontrar salvação. Espanta-me que este desfiladeiro vos inspirem mais terror do que tantos outros que não tiveram a propriedade de deter-vos um só momento. Mas, digam-me lá, se não batermos a cavalaria que além se vê, seremos capazes de dar um passo na planície? E como havemos de tornar a passar os montes, que já conheceis, com tantos alcançamos o mar sem gravame de maior, o Ponto Euxino não é um escolho bem mais sério, onde não só não teremos navios que nos levem, como não teremos alimentos que não nos deixem morrer de fome! Se fugimos para lá, forçosamente teremos de sair e sem perda de tempo, picados pelas necessidades da vida. Não soldados, vale mais oferecer batalha hoje, bem comidos e bebidos, que amanhã em jejum. Os sacrifícios, o voo das aves, as vítimas pressagiam-nos um grande sucesso. Avante! Seria o cúmulo que o inimigo, depois de nos pôr a vista em cima, jantasse com a comodidade toda e armasse tendas onde lhe desse gana.

4.2.10.1 Considerações a respeito da arenga XIII – Anábase

O discurso de exortação XIII pretende convencer e motivar o auditório a atacar o inimigo, em vez de tentar evitá-lo. O discurso mostra-se, notoriamente, deliberativo, pela exposição de uma estratégia que pode ser discutida. Ele não é apenas epidíctico, ou seja, buscando ser belo para obter a aclamação do auditório, mas também tenta expressar o que julga útil para aquela comunidade, ou seja, a assembleia de guerreiros que compõe o *páthos*.

No entanto, notamos que Xenofonte faz diversas perguntas que já carregam a resposta a que ele gostaria que o auditório aderisse, o que é próprio da retórica. Então, questões como “Dizei-me: qual vale mais, atacar de frente ou voltar o rosto a cada passo para repelir a agressão?”, “Uma vez atravessada essa barroca, não será também uma ótima posição para oferecer combate?” ou “se não batermos a cavalaria que além se vê, seremos capazes de dar um passo na planície?” são exemplos de perguntas elaboradas pelo viés da resposta, que, de acordo com Meyer, é o que diferencia a retórica da argumentação (MEYER, 2007, p.27).

O núcleo argumentativo *dynaton*, “o forte”, isto é, quando se tenta motivar expondo algum tipo de vantagem sobre o inimigo, mostra-se evidente na seguinte declaração: “podeis ter a certeza de que [o inimigo] não é gente para aguentar o embate, mas que, se nos veem recuar, tornar-se-ão tremendos a perseguir-nos”. É importante notar que a suposta vantagem de o inimigo ser militarmente inferior só é válida caso a estratégia de Xenofonte seja adotada.

O lugar comum *dikaion*, “o justo”, também é retomado quando o autor exorta a respeito dos presságios divinos favoráveis. Entretanto, a maior evidência da noção de pertencimento na arenga é a ideia da possibilidade de participação do auditório presente no discurso, pois, ao mesmo tempo em que se reduz a distância entre o auditório e o orador, todos estariam também exercendo uma prática deliberativa que normalmente realizariam com integrante de suas *poleis* natais, o que é próprio da cidadania. Fortifica-se então, a identidade entre os membros do auditório ao incentivá-los a envolverem-se com as decisões como se todos pertencessem à mesma comunidade.

4.2.11 XIV – Anábase (6.5.23-4) – Tipo 4– Emissor: Xenofonte

XIV – Camaradas, lembrai-vos das horas difíceis de que, com a ajuda dos Deuses, pudestes sair triunfantes e representai-vos a sorte que espera aqueles que voltam costas no combate.

Não esqueçais que estamos às portas da Grécia! Invocai Hércules nosso Guia, e animai-vos chamando uns pelos outros. Nada mais bonito que ser louvado amanhã por aqueles que vos ouvirem contar os feitos que praticastes.

4.2.11.1 Considerações a respeito da arenga XIV – Anábase

A última arenga XIV é uma *epipoleis* com um discurso relativamente mais extenso – ainda que breve comparado com os discursos de *Tipo 2* existentes na obra – levando em consideração as outras revistas de tropas que se limitam a poucas palavras. Xenofonte, assim como em suas *epipólesis* anteriores²⁴, vai chamar a atenção para o artifício motivacional do último esforço. É notável que ao mesmo tempo ele retome os Deuses quando exorta da seguinte forma: “Não esqueçais que estamos às portas da Grécia, e animai-vos chamando uns pelos outros. Nada mais bonito que ser louvado amanhã por aqueles que vos ouvirem contar os feitos que praticastes”. O que é incomum nesse discurso, comparado aos demais na obra, é a ausência de caráter deliberativo, ainda que se possa notar evocação de traços comuns que busquem a noção de pertencimento.

4.2.12 Análise Geral dos Discursos de Exortação na Anábase

Tendo em vista a análise dos discursos de exortação na *Anábase*, notamos uma constante relevância dos argumentos, muitas vezes com premissas implícitas, que visam a ressaltar a identidade dos gregos e a alteridade destes para com os bárbaros.

De acordo com os conceitos de Michel Meyer, a retórica é justamente a “negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada” (MEYER, 2007, p. 25). Considerando tal definição é possível elaborar uma estrutura que ilustre a estratégia retórica, enfatizando a proposta de buscar a noção de pertencimento das arengas de Xenofonte.

De início, é essencial compreender que o *páthos* é composto por integrantes provindos de diversas *poleis*, ou seja, contamos com múltiplas diferenças. O desafio do orador, então, é negociar a identidade do auditório em um momento delicado em que o modelo militar coletivo, próprio das sociedades gregas da época, seria útil para a campanha de retorno à Grécia.

²⁴ Arenga X e XI com respectivas passagens (3.4.46) e (4.8.14).

Xenofonte, como acompanhamos até então, vai se utilizar de uma série de artifícios retóricos que, incitando implicitamente a noção de pertencimento, de uma só vez, iguale a distância entre os membros do auditório e negocie a alteridade, ou diferença, para com os bárbaros. Dessa forma, resultado dessa simultânea negociação, torna-se cada vez mais possível estreitar, ao mesmo tempo, a distância entre os membros do auditório e destes com o orador. Por conseguinte, vai se desenvolver, com o decorrer da obra, uma consciência de que todos pertencem a uma mesma comunidade.

Ainda utilizando dos princípios teóricos expostos por Meyer, procedendo agora com a sua *problematologia*, a teoria da argumentação seria o estudo da relação entre o explícito e o implícito. Tal associação sempre carrega um significado que ultrapassa a literalidade atribuída às manifestações discursivas, as quais suscitam uma questão (MOSCA, 2007, p. 9).

Nesse caso, avaliando as arengas militares da *Anábase*, depara-se com uma série de exposições explícitas que sustentam implicitamente a noção de pertencimento. Portanto, quando explicitamente se pede a “ajuda dos deuses” ou se propõe um holocausto às divindades, sugere-se implicitamente: “acreditamos nos mesmos deuses”; quando se exalta explicitamente a história da vitória dos gregos nas Guerras Médicas, sugere-se implicitamente que todos têm um mesmo passado glorioso contra os bárbaros; quando explicitamente releva-se a liberdade das cidades gregas, sugere-se implicitamente que todos gozam de uma mesma autonomia política mesmo diante das tentativas de conquista do Império Persa; quando é explícito que, durante um discurso, qualquer um pode e deve opinar, propor, ou decidir, pois “assim o exige a salvação de todos”, é implícito que todos têm a mesma importância perante seus pares.

Em suma, exorta-se explicitamente uma diversidade de argumentos que têm por sugestão implícita a noção de que todos são helenos e pertencem à mesma comunidade.

4.3 Arengas Militares na *Ciropedia*

A *Ciropedia*, composta por oito livros, conta com dezesseis arengas militares, também de acordo com “*corpus* de arengas da historiografia grecolatina” (CENTENO *et al.*, 2007, p.

537). As arengas estão dispostas segundo a tradução de João Félix Pereira²⁵ e seguem no quadro abaixo em conformidade com os parâmetros utilizados na Tabela 1.

Tabela 2 – Arengas militares da <i>Ciropedia</i>			
ORDEM	PASSAGEM	TIPOLOGIA	EMISSOR
1	1.5.7-14	1	Ciro, o Grande
2	2.1.11	1	Ciro, o Grande
3	2.1.14-18	2	Ciro, o Grande
4	2.3.2-4	2	Ciro, o Grande
5	3.2.3-6	1	Ciro, o Grande
6	3.3.34-9	1	Ciro, o Grande
7	3.3.41-2	1	Ciro, o Grande
8	3.3.44-5	4	Rei dos Assírios
9	3.3.59	5	Soldados Persas
10	3.3.61-2	5	Ciro, o Grande
11	4.1.1-6	6	Ciro, o Grande
12	4.2.21-6	1	Ciro, o Grande
13	6.2.14-20	1	Ciro, o Grande
14	6.4.13-20	1	Ciro, o Grande
15	7.1.10-14	4	Ciro, o Grande
16	7.5.19-24	1	Ciro, o Grande

Tabela 2 – Arengas militares da *Ciropedia*

Em uma primeira análise, contando apenas com os dados ordenados na Tabela 2, podemos fazer duas constatações. Antes de tudo, é notável que, assim como na *Anábase*, a obra possui um emissor que protagoniza a história e a maior parte dos discursos. Em tal caso, ainda, os outros emissores nem mesmo são destacados por seus nomes, mas sim pela posição que representam na sociedade. Em segundo lugar, é de suma importância, o que mostra uma grande diferença da obra anteriormente analisada, a predominância de arengas de *Tipo 1*, ou seja, as proferidas apenas aos capitães.

Para Zoido (2003, p. 166), a excessiva recorrência das arengas de *Tipo 1* é justificada pela polêmica da passagem (3.3.48-55) da *Ciropedia*, um diálogo entre Ciro, o Grande e um

²⁵XENOFONTE. **Ciropedia**. Trad. João Félix Pereira. Rio de Janeiro: Editora W.M. Jacson, v1, 1964. (Coleção Clássicos Jacson).

de seus oficiais. No excerto da obra em questão, discute-se a respeito da utilidade da arenga militar, após uma exortação militar do rei dos assírios para suas tropas. Crisantas, um alto oficial do exército persa, diante da atitude do inimigo assírio, recomenda que Ciro, o Grande motive suas tropas também por meio de uma arenga. O monarca persa, no entanto, acusa tal prática da exortação militar de ser inútil, tendo em vista que ninguém poderia aprender a batalhar ou tornar a ter mais valor ouvindo um discurso, por mais belo que ele seja.

A este tempo chegou o persa Crisantas e outros homotimos com alguns desertores. Ciro os interrogou, como era natural, no que dizia respeito aos contrários. Disseram que eles saíam do acampamento, que o rei os formava em batalha e fazia mui enérgicas exortações, segundo afirmava quem o ouvira falar.

- Ciro – disse crisantas- se também exortasse vossas tropas, não lhes infundireis por ventura nova coragem?

- Crisantas, não vos causem abalo as exortações do assírio. Um discurso, por mais elegante que seja, não pode no mesmo dia dar valor a que, o não tem; fazer bons arqueiros, bons lanceiros, bons cavaleiros, sem previamente saber manejar um arco, uma seta, um cavalo; dar novo vigor aos corpos para o trabalho sem exercício preliminar.

- Mas é já bastante concitar-lhes o ânimo.

- Porventura é possível que um discurso no mesmo dia em que é pronunciado, encha de pundonor o espírito dos ouvintes, os afaste da estada do vício, os induza a arrostar por amor da glória os trabalhos e os perigos, e imprima este sentimento de maneira que eles prefiram morrer com as armas na mão a evitar a morte por meio da fuga? Não. Para que estes sentimentos andem gravados profundamente no coração humano, importa primeiro que tudo, fazer leis que assegurem aos valorosos uma existência honrosa e livre. Aos covardes uma vida abjecta e cheia de misérias. Depois é preciso haver mestres, que com palavras e exemplos lhes façam ver que o valor e a glória são a origem das maiores prosperidades, a covardia e o opróbrio o germe da mais dura adversidade. Cumpra estar embebido nestas ideias para poder triunfar do temor dos inimigos. Se no mesmo acto de correr contra os inimigos, para entrar na luta, nesta ocasião em que muitos se esquecem do que aprenderam, pudesse um orador criar de repente soldados intrépidos, muito fácil seria aprender e ensinar a maior das virtudes. Enquanto a mim, nem sequer confiaria naqueles que se exercitaram debaixo das nossas vistas, se com vossos exemplos lhes não désseis a necessária instrução, e os não advertísseis de suas faltas. Eu, Crisantas, admirar-me-ia tanto de que um discurso elegante desse valor a um homem destituído desta virtude, como se uma peça de música bem cantada tivesse a força de fazer músico um homem ignorante desta arte (XENOFONTE, *Ciropedia*, 3.3.48-55).

O que de fato é polêmico nessa passagem é que, embora o rei persa se mostre irredutível a respeito da inutilidade dos discursos de exortação militar, ele expõe, ao longo da obra, quatorze arengas.

Além disso, também existe a contradição de que Cambises, seu pai, havia lhe aconselhado a manter o valor de sua palavra, pois é importante “conservar acreditada a exortação para as ocasiões de grande perigo” (XENOFONTE, *Ciropedia*, 1.6.19).

No entanto, na interpretação de Zoido, não há incoerência alguma na passagem, pois os discursos exortativos são, em grande parte, voltados para um pequeno grupo de oficiais, ou seja, arenga de *Tipo 1*. Também justifica a *epipoleis* do discurso XV, que seria uma exceção, como a situação de grande perigo que Cambises havia recomendado a Ciro, o Grande para que exortasse suas tropas (ZOIDO, 2003, p. 166). De fato, a leitura que Zoido faz da polêmica, apontando a predominância de arengas de *Tipo 1*, é uma interpretação extremamente válida para o esclarecimento dessas supostas contradições. No entanto, tendo em vista a comparação com a *Anábasis*, tal leitura não bastaria para explicar o fato de que, em ambas as obras, às quais contamos com o *éthos* do general exemplar como protagonista, notamos opiniões distintas em relação à necessidade do discurso de exortação. Sendo assim, mostra-se necessário a análise das arengas para se chegar a uma resolução determinada.

4.3.1 Arenga I – Ciropedia (1.5.7-14) – Tipo 1 – Emissor: Ciro, o Grande

Fez sacrifícios debaixo de felizes auspícios, e tomou depois seus duzentos homotimos, que por seu turno escolheram quatro de seus iguais. Tendo todos reunido, lhes dirigiu esse discurso:

I – Meus amigos, não é só de hoje que vos conheço; eu vos escolhi por vos ter visto, desde a vossa infância, tão constantes em observar o que entre nós é havido por honesto, como fieis em vós absterdes do que o não é. Vós ides saber por que motivos eu aceitei o comando, e por que eu vos ajunto aqui. Sei que nossos antepassados não nos eram inferiores, e que nenhuma virtude lhes era estranha; mas não vejo que vantagem tirassem disso eles ou a república²⁶. Entretanto parece-me que não se pratica a virtude senão para te melhor sorte do que aqueles que a desprezam. Quem se priva de um prazer presente, não o faz com o sentido de gozar dele jamais; pelo contrário, é o fim de preparar-se, mesmo por esta privação dos gozos mais vivos, para outro tempo. Quem aspira brilhar na carreira da eloquência não tem por fim estar sempre a falar; espera que, adquirindo o dom de persuadir, será um dia útil à sociedade. O mesmo acontece aquele que se dedica às armas. Não é para combater sem descanso que se entrega a penosos exercícios; fia-se em que, tornando-se hábil guerreiro, ganhará glória, honras e prosperidade. Se entre esses homens se encontra algum, que depois de longos trabalhos envelhece sem ter sabido tirar algum lucro deles, compará-lo-ei ao lavrador, que, zeloso de sua profissão, semeia e planta com maior cuidado, e que depois, em lugar de colher seus grãos e apanhar seus frutos na estação própria, deixá-los cair por terra; ou um atleta que, depois de

²⁶ No original κοινόν (aquilo que é comum, comunitário) τῶν Περσῶν (dos persas).

ser laboriosamente exercitado, e estar em estado de merecer o prémio, não entrasse na arena: parece-me que se poderia, sem injustiça, chamar-lhes de loucos.

Amigos, nunca nos aconteça tal desgraça: e já que a consciência nos diz que temos, desde a infância, adquirido o hábito da coragem e da virtude, vamos ter com o inimigo, que eu sei, pelo ter visto de perto, ser incapaz de nos resistir. Sabei que não se pode jamais aplicar o epíteto de bom guerreiro àquele que, apenas sabendo com destreza vibrar um arco, despedir uma seta, guiar um cavalo, desanima quando a guerra demanda maior actividade, não podendo suportar trabalhos que o oprimam: nem tão pouco compete este epíteto àqueles que se deixam vencer de sono, quando todas as circunstâncias da guerra altamente pedem que esteja alerta. Neste mesmo caso estão os nossos adversários, que até ignoram o modo por que hão-de comportar-se para com os aliados e para com os inimigos, e absolutamente desconhecem os preceitos ainda os mais triviais da importantíssima arte da guerra. Vós, pelo contrário, estais habituados a empregar a noite como eles empregam o dia, considerais os trabalhos como meios de tornar agradável a vida, e a fome é vosso conduto: excedeis os leões no apetite com que bebeis água. Em vossas almas se acha enraizado o sentimento mais belo e mais proficiente na guerra, qual é o desejo de glória, que a tudo antepondes; por quanto, quem aspira a aquisição de glória, constitui-se rigorosamente na obrigação de sujeitar-se às mais incomportáveis fadigas, e de arrostar os mais iminentes perigos. Toda essa exposição é a mais exacta expressão que concebo de vós; aliás iludia-me a mim mesmo; porque, se o resultado desta expedição não coincidir com o que me assegura vossa intrepidez, todo dano recairá sobre mim. Porém minha experiência, a afeição que me consagrais, e a pouca disciplina dos inimigos, me asseguram que não serão frustradas minhas esperanças. Partamos portanto confiadamente, já que estamos longe de nos persuadirmos de que injustamente desejamos tomar posse do que não nos pertence. Agora os inimigos se aproximam, sendo eles os que romperam as hostilidades, e nossos aliados implorar nosso socorro. Que acção há pois mais justa do que rechaçar os adversários, e mais louvável do que auxiliar os amigos? Ainda tendes um motivo mais poderoso para estardes em plena confiança, saberdes que empreendi esta exposição não prescindindo dos votos às divindades, que são sempre o objecto por onde come todas as empresas, quer as grandes quer as pequenas. Que mais é preciso dizer? Ide escolher e reunir os soldados; depois dirigi vossa marcha para a Média. Eu primeiramente vou ter com meu pai, depois partirei, para que quanto antes me informe das circunstâncias dos inimigos, faça os preparativos que puder, e mui galhardamente pelejeis com o socorro da divindade.

4.3.1.1 Considerações a respeito da Arenga I – *Ciropedia*

Tomando os principais argumentos de tal discurso de exortação, notamos três lugares-comuns muito similares ao percebido até então nas arengas militares. Tomaremos, a fins de comparação, a arenga IV da *Anábase*, por ser a mais extensa de *Tipo 1*. Então comecemos pelo núcleo argumentativo *dynaton*, “o forte”, que nos dois casos se refere à superioridade devido à melhor formação militar:

Anábase –IV Pela compilação de nossos corpos, estamos mais aptos do que eles a resistir ao frio, ao calor e aos trabalhos. As nossas almas são também de têmpera rija; e com ajuda dos Deuses, sob o nosso braço, os homens deles hão-de cair como tordos, mais débeis e menos resistentes em tudo do que nós.

Ciropedia–I Os nossos adversários, que até ignoram o modo por que hão-de comportar-se para com os aliados e para com os inimigos, e absolutamente desconhecem os preceitos ainda os mais triviais da importantíssima arte da guerra. Vós, pelo contrário, estais habituados a empregar a noite como eles empregam o dia, considerais os trabalhos como meios de tornar agradável a vida, e a fome é vosso conduto: excedeis os leões no apetite com que bebeis água. Em vossas almas se acha enraizado o sentimento mais belo e mais proficiente na guerra, qual é o desejo de glória, que a tudo antepondes; por quanto, quem aspira a aquisição de glória, constitui-se rigorosamente na obrigação de sujeitar-se às mais inoportáveis fadigas, e de arrostar os mais iminentes perigos

O segundo lugar-comum dentro da lógica argumentativa dos dois discursos é de que os deuses são favoráveis:

Anábase –IV Entre eles e nós os Deuses declarar-se-ão em nosso favor. E como não se os bárbaros os provocarem com seus perjúrios, enquanto nós, com mil tentações à volta, nos mantivemos fiéis a nossos juramentos e aos Deuses imortais?!

Ciropedia–I Ainda tendes um motivo mais poderoso para estardes em plena confiança, saberdes que empreendi esta exposição não prescindindo dos votos às divindades, que são sempre o objecto por onde come todas as empresas, quer as grandes quer as pequenas.

O terceiro é de que a Justiça está do “nosso lado”:

Anábase–IV Uma vez que romperam o pacto, não é verdade que implicitamente puseram cobro aos seus achincalhes e aos nossos escrúpulos? Os bens que esses Persas usufruem são como um prêmio ao mais nobre.

Ciropedia–I Partamos portanto confiadamente, já que estamos longe de nos persuadirmos de que injustamente desejamos tomar posse do que não nos pertence. Agora os inimigos se aproximam, sendo eles os que romperam as hostilidades, e nossos aliados implorar nosso socorro. Que acção há pois mais justa do que rechaçar os adversários, e mais louvável do que auxiliar os amigos?

Como se não bastassem as semelhanças, ainda temos em ambos os discursos um importante argumento de segundo tipo fundado na estrutura do real. Na *Anábase*, Xenofonte utiliza um argumento *a fortiori* (PERELMAN; TYTECA, 2004, p. 384), quando ressalta que:

Se por desmazelo caímos no poder desse rei que cometeu a barbaridade de mandar cortar a cabeça e a dextra do próprio irmão, depois de morto, e de arvorá-las numa

cruz, que sorte imaginamos que nos espera a nós que marchámos contra ele para o reduzir à escravidão ou matá-lo, se estivesse no nosso querer?

O argumento hierarquiza a noção de que se Artaxerxes fez algo terrível a seu próprio irmão, pessoa pela qual poderia ter alguma afeição, ele certamente faria algo terrível também, a indivíduos desconhecidos que lhe fariam mal.

Na *Ciropedia*, o argumento de segundo tipo é o de desperdício (PERELMAN; TYTECA, 2004, p. 317), exortado por Ciro, o Grande da seguinte forma:

Quem aspira brilhar na carreira da eloquência não tem por fim estar sempre a falar; espera que, adquirindo o dom de persuadir, será um dia útil à sociedade. O mesmo acontece aquele que se dedica às armas. Não é para combater sem descanso que se entrega a penosos exercícios; fia-se em que, tornando-se hábil guerreiro, ganhará glória, honras e prosperidade. Se entre esses homens se encontra algum, que depois de longos trabalhos envelhece sem ter sabido tirar algum lucro deles, compará-lo-ei ao lavrador, que, zeloso de sua profissão, semeia e planta com maior cuidado, e que depois, em lugar de colher seus grãos e apanhar seus frutos na estação própria, deixá-los cair por terra; ou um atleta que, depois de ser laboriosamente exercitado, e estar em estado de merecer o prêmio, não entrasse na arena: parece-me que se poderia, sem injustiça, chamar-lhes de loucos.

Notamos aqui, então, uma série de semelhanças entre os argumentos utilizados para motivar soldados persas e soldados gregos. No entanto, é perceptível que, embora se trate mesmo de um auditório formado por persas, esses *homotimoi* não se diferenciam por um grupo multiétnico.

De fato, eles possuem uma prévia identidade formada, pois todos eles pertencem a uma mesma classe de guerreiros que treinam a arte militar desde crianças. Por isso, é notável que eles já possuam uma noção de pertencimento. Em certos pontos, o discurso se assemelha com o gênero deliberativo, pelo fato de que o orador passa a impressão de estar convencendo, com determinadas estratégias retóricas, o auditório a lhe seguir.

Reforçando ainda mais o caráter comunitário desse exército, é fundamental reconhecer a semelhança entre *homotimoi* e os *homoioi*, ou seja, os espartanos. Tal exército de elite liderado por Ciro, o Grande na *Ciropedia* tem inspiração no exército espartano, cujo modelo militar exercia certa influência sobre Xenofonte (ZOIDO, 2006, p. 162).

Notamos, assim, uma grande semelhança nas duas obras em relação à noção de identidade proposta pelo orador e também ao gênero deliberativo que acompanha o caráter epidíctico da arenga. Dessa forma, com a finalidade de fazer uma comparação entre discursos verdadeiramente realizados para um auditório multiétnico, é necessário limitar-se a somente duas arengas da obra: o discurso proferido pelo rei dos assírios ao seu exército e a *epipólesis* de Ciro que antecede a batalha de Sardes.

4.3.2 *Arenga VIII - Ciropedia (6.5.23-4) – Tipo 4– Emissor: Rei dos Assírios*

VIII - Assírios, agora é a ocasião de dar provas do vosso denodo; é agora a ocasião de lutar pelas vossas vidas, pela terra que vos deu o berço, pelos lares em que vos criastes, por vossas mulheres e filhos, por tudo que no mundo tendes de mais caro. Se fordes vitoriosos, tudo isto ficará, como antes, em vosso poder; se fordes vencidos, tudo passará às mãos dos inimigos. Se desejais a vitória, é preciso que pelejeis impávidos. Fatuidade é querer a vitória e fugir do inimigo, apresentando-lhe o corpo sem olhos, sem armas, sem mãos. Fatuidade é fugir quem estima a vida, sabendo que os vencedores a conservam, e que fugindo se encontra mais facilmente a morte do que resistindo. Fatuidade é desejar tesouros e deixar-se vencer. Pois, quem ignora que os vencedores conservam seus haveres, e recebem os dos vencidos, e que estes perdem tudo que possuem, até a liberdade?

4.3.2.1 *Considerações a respeito da Arenga VIII - Ciropedia*

Levando em consideração os discursos de exortação da *Anábase*, notamos um forte contraste com a arenga articulada pelo rei dos Assírios ao seu exército. Não existe uma noção de identidade ou qualquer menção a uma comunidade da qual poderia se extrair algum senso de pertencimento.

Os valores exaltados pelo orador se resumem à posse de bens, às suas famílias e suas vidas e a uma breve menção à liberdade, exposta no final da arenga. No entanto, a estratégia do discurso do rei Assírio está em instigar o medo do auditório em ver-se privado desses valores.

Também notamos a ausência dos lugares-comuns das arengas evidenciados por Albertus, ou seja, os núcleos argumentativos que até então vê-se mostrando muito presentes nos discursos de exortação. Para Tatum, em *Xenophon's Imperial Fiction*, de 1989, tal exortação é um exemplo de “má retórica” (apud ZOIDO, 2003 p.161) e, além disso, é o modelo perfeito do discurso do tirano. Dessa forma, ainda, ele seria o típico governante que rege através do medo. Para além desses aspectos, é importante notar que esse é um discurso totalmente epidíctico sem nenhuma margem para participações do auditório.

4.3.3 Arenga XV –*Ciropedia* (7.1.10-14) – Tipo 4– Emissor: *Ciro, o Grande*

*Ditas estas palavras, **Ciro** entregou a senha, que era **Júpiter** salvador e guia, e partiu. Caminhando entre os carros e os couraceiros, olhava para os soldados, e a uns dizia:*

- Valentes, quão agradável me é a contemplação de vossos semblantes!

A outros:

–Valentes, hoje a batalha não só nos há de trazer os frutos de uma vitória, mas também a continuação do gozo da que já obtivemos, e uma felicidade completa!

A outros:

- Valentes, não temos motivos para queixar-nos dos deuses, que nos proporcionam os meios de possuir grandes bens; mas dai provas de coragem!

A outros:

- Valentes, para que melhor ceia do que esta podíamos nós fazer mútuos convites? Agora os bravos têm a possibilidade de oferecer uns aos outros muitas coisas, e boas!

A outros:

- Valentes, bem sabeis que perseguir, ferir, matar, gozar, ouvir elogios, ficar livre, dominar, tais são os prémios do vencedor; são contrários os do vencido! Todo aquele que ama sua honra, combata em pé por mim, porque eu não admitirei que se pratique um só acto de covardia ou de infâmia.

4.3.3.1 *Considerações a respeito da Arenga XV –Ciropedia*

Nessa arenga, nós notamos uma grande exceção em relação às outras da obra, pois se trata de um discurso que **Ciro**, mesmo após ter exaltado a inutilidade de fazê-lo, exalta para a totalidade do seu exército. Além disso, é uma arenga com a intenção totalmente voltada a exortar as tropas, tornando o discurso único na *Ciropedia*, pois o orador profere uma arenga extensa de gênero exclusivamente epidíctica. Sustentando o *éthos* do general exemplar, **Ciro, O grande**, exorta tropas, ao decorrer da obra, com as quais ele pode incitar a noção de pertencimento devido alguma identidade que ele possa explorar para com o auditório. Isso explica o fato de grande parte dos discursos serem de *Tipo 1*.

Entretanto, avaliando um panorama das obras de Xenofonte, vamos encontrar um padrão para as *epipólesis* que antecedem batalhas importantes da trama. Ao analisar as arengas militares da *Anábase*, podemos notar que o único discurso de *Tipo 4* – isto é, a revista de tropas - que contam com mais do que breves palavras, se encontra no penúltimo livro antes de uma batalha decisiva. A *epipólesis* de Ciro, também se encontra no penúltimo livro e antecede a importante batalha de Sardes. Analisemos, então, a tabela de arengas da *Hellênica* - a única obra de Xenofonte com arengas militares que o presente trabalho não tem a pretensão de analisar - para determinar a existência de um padrão.

Tabela 3 – Arengas Militares da <i>Hellênica</i>			
ORDEM	PASSAGEM	TIPOLOGIA	EMISSOR
1	1.1.24	2	Farnabazo
2	2.4.13-17	3	Trasibulo
3	5.1.14-17	2	Teleutias
4	7.1.30	4	Arquidamo

Tabela 3 – Arengas Militares da *Hellênica*

4.3.4 Arenga IV –*Hellênica* (7.1.30) – Tipo 4– Emissor: Arquidamo²⁷

Diz-se que ele ainda tomou a frente dos batalhões e exortou seus homens com as seguintes palavras: "Caros cidadãos, vamos agora provar-nos homens valentes e, assim, ser capazes de olhar as pessoas de frente; vamos transmitir àqueles que virão depois de nós a pátria como era quando nós a recebemos de nossos pais; deixemos de sentir vergonha diante de mulheres e crianças e idosos e estrangeiros, por quem uma vez fomos vistos como os mais honrados entre todos os gregos".

4.3.4.1 Considerações a respeito da Arenga IV – *Hellênica*

Notadamente, a *epipólesis* da *Hellênica* confirma tal padrão, pois se encontra no início do último livro da obra e é classificada por ser do gênero epidíctico de discurso. É importante lembrar que, originalmente, essas obras não estavam separadas em livros, como hoje. No entanto, tais evidências foram destacadas com o objetivo de ressaltar que, em todas as obras de Xenofonte, encontramos uma *epipólesis* quando a obra está chegando ao fim.

²⁷ Tradução livre do inglês – www.perseus.tufts.edu

Também, como é visível no discurso, não se trata apenas de breves palavras, como nas arengas III e X da *Anábase*, mas de uma exortação extensa o bastante para propor um discurso belo que, escrito, pode resultar em uma leitura agradável.

É importante lembrar que, para os autores da época, uma das exigências metodológicas para narrar uma arenga militar em suas obras era a de ter presente uma tradição literária para não pôr em risco a reputação do autor como escritor.

4.40 Gênero Epidíctico e Deliberativo das Arengas Militares nas Obras de Xenofonte

Como temos visto no decorrer das análises dos discursos de exortação da *Anábase* e da *Ciropedia*, o gênero deliberativo frequentemente se faz presente junto ao gênero epidíctico no corpo da arenga. Contudo, os discursos alternam entre esses dois gêneros com bastante regularidade.

Para compreender essa recorrente permuta na estrutura das arengas nas obras em questão, é importante assumir a relevância do *éthos* efetivo e do *éthos* imanente. Até então, o *éthos* vem sendo entendido apenas na posição de orador como princípio de autoridade. Entretanto, existe uma distinção entre o *éthos* que é efetivamente o orador, ou seja, o *efetivo*, e o *éthos* que o auditório projeta como imagem, isto é, o *imanente*. O orador hábil e ciente de tal diferença tem a possibilidade de controlar a distância entre o seu *éthos* efetivo e seu *éthos* imanente de acordo com a articulação de seu discurso.

O orador se orna da virtude que o auditório espera dele e faz uso da congruência para comunicar sua mensagem. Ele aparece como é, ao menos é isso que tentará fazer acreditar, ao adotar essa estratégia de adequação, que é uma estratégia da sinceridade, fingida ou real. Observemos que temos aqui três possibilidades:

- a congruência do *éthos* projetado e do *éthos* efetivo: o orador procura obter o assentimento de seu auditório. Esse seria o gênero deliberativo;
- a ruptura entre os dois *ethe*. Há um choque entre as respostas e os valores. O conflito com o auditório, se precisar ser resolvido, não o poderá ser senão por um juiz externo. Esta aí a origem do gênero judiciário do qual falava Aristóteles
- a defasagem entre o *éthos* projetivo e o *éthos* efetivo pode ser deliberada e positiva. Ela suscita então no auditório desejo e adesão. A defasagem não desperta somente valores positivos: ela é esse valor positivo (MEYER, 2007, p. 54).

Os generais que protagonizam as obras em análise no presente trabalho utilizam-se constantemente da congruência e da defasagem entre os dois *ethe*. Tanto Xenofonte na *Anábase*, quanto Ciro, o Grande na *Ciropedia*, manipulam sua imagem projetada ao auditório para obter seu consentimento e sua adesão. A diferença entre os dois oradores está em seus

ethe efetivos, pois na *Anábase* o general é, originalmente, um membro comum do auditório, enquanto que na *Ciropedia* ele se trata de um nobre.

Dessa forma, observamos nas arengas que o *éthos* imanente de Xenofonte parte da congruência, pois o *páthos* o vê, a princípio, como um igual. Na arenga VIII da *Anábase*, por exemplo, ele orna seu *éthos* antes mesmo da primeira palavra, quando “ergueu-se a seguir, revestido de belas roupagens e das armas mais magníficas que pôde encontrar”. Ciro, o Grande, ao contrário de Xenofonte, parte do *éthos* imanente de alguém que está acima do auditório; então, no discurso I da *Ciropedia*, ele inicia a arenga com “meus amigos, não é só de hoje que vos conheço”, relevando a identidade que possuía para com o *páthos*.

A partir dessa análise, devemos relevar que é exatamente nessa movimentação constante do *éthos* imanente em relação ao *éthos* efetivo que se encontra a qualidade dos discursos de exortação em Xenofonte. Portanto, um auditório ao qual não se pode inspirar pertencimento e identidade dificilmente vai permitir que o orador consiga permutar entre os gêneros deliberativo e epidíctico. Em tal impossibilidade, notamos a opinião de Ciro, o Grande a respeito da utilidade das arengas militares da polêmica passagem (3.3.48-55). Diante deste ponto de vista, Ciro, o Grande não assume serventia em um discurso de exortação que não pode ser também deliberativo, o que explica a diferença na frequência com que as arengas de *Tipo 1* se mostram presentes nas duas obras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já à primeira vista, considerando o método empregado de análise retórica dos discursos, nota-se a riqueza com que a interação entre o *éthos* e o *páthos* é descrita por Xenofonte e a consequente adaptação do *lógos*, dependendo da habilidade do orador em perceber os valores referentes ao auditório. Na obra de Xenofonte, encontram-se diversos detalhes das reações, como: “*Calou-se um instante. E, todas fisionomias, abertas e como que esclarecidas duma luz nova, leu Xenofonte a aprovação do que dizia. E prosseguiu(...)*”, ou “*Após um instante de circunspeção, Xenofonte continuou(...)*”, ou ainda, mostrando sucesso definitivo de sua exortação: *Todos ergueram. Pronunciou-se o voto em voz alta e cantou-se o pean. E após o preito à Divindade, Xenofonte prosseguiu(...)*.

Em primeira análise, levando tal aspecto em consideração, nota-se uma diferença atribuída por Xenofonte, mediante a reação do auditório, entre os *ethe* que constituem as arengas. O primeiro discurso de exortação militar da *Anábase* é pronunciado por Ciro, o Jovem, explicitando uma identidade entre os membros do auditório e exaltando toda a glória de sua liberdade e superioridade sobre os povos bárbaros. No entanto, o *éthos* de Ciro, o Jovem, não sendo adequado para esse tipo de discurso, vai adaptar o *lógos* com argumentos que fomentem o auditório a enxergá-lo como alguém com possibilidades de enriquecê-los.

É importante lembrar que Ciro, o Jovem não se trata de um antagonista na obra, personificando alguém incapaz de exortar seus soldados, muito pelo contrário: nas palavras de Xenofonte, tal príncipe Persa vai ter muito prestígio. O que ocorre, como foi demonstrado ao longo das análises dos discursos na obra, é que para exaltar pertencimento no auditório em questão, é necessário que exista uma identidade, ou a possibilidade desta, para com o orador. Utilizando dos conceitos de Michel Meyer, nota-se que uma distância entre ele e o auditório não é abolida.

Considerando que retórica, para Michel Meyer, é a “negociação da diferença entre indivíduos sobre uma questão dada”, Xenofonte, como protagonista da *Anábase*, encarnando o *éthos* do general exemplar, com os devidos artifícios retóricos, evoca implicitamente a noção de pertencimento entre o auditório, anulando a diferença entre seus membros. Ao mesmo tempo, nota-se que como orador, com a utilização de premissas implícitas e explícitas, vai instigar a alteridade destes para com os bárbaros. Essa dupla negociação vai aproximar cada vez mais os membros do auditório de Xenofonte, pertencendo todos, cada vez mais, a uma mesma unidade, na qual compartilham uma identidade. Seguindo esse procedimento, começa a ser possível comover o auditório, alcançado assim o objetivo de suas exortações.

Compreendendo também que, para Michel Meyer, a teoria da argumentação é a relação do implícito e o explícito, é imprescindível notar a quantidade de argumentos expressos que criam premissas implícitas que assumem que todos fazem parte de uma mesma comunidade. Quando Xenofonte, no papel de orador, explicita a religião comum a todos, um passado glorioso comum a todos, o modelo autônomo de cidade comum a todos e a necessidade da participação de todos em suas exortações, está implícito que todos pertencem a uma mesma comunidade.

A partir disso, tomando-se, agora, por análise as arengas presentes na *Ciropedia*, verifica-se a semelhança no *éthos*, pois a obra trata da carreira do general exemplar que formará o estadista ideal, levando em consideração que ambos compartilham das mesmas virtudes. Observa-se que os discursos proferidos por Ciro, o Grande para seu exército de elite compartilham de núcleos argumentativos muito semelhantes. No entanto, trata-se de um auditório com quem Ciro possui uma noção de pertencimento comunitário prévia, pois, tal como a educação espartana, estes cresceram, juntamente ao protagonista da obra, sob um estilo austero de uma vida militar.

Relativamente às comparações entre os discursos da *Anábase* e os da *Ciropedia*, percebe-se, primeiramente, por meio das tabelas comparativas compostas, que na primeira obra, a maior parte dos discursos é proferida para uma assembleia de tropas (*Tipo 4*), enquanto que, na segunda, estes são exortados apenas para os capitães (*Tipo 1*). Para Juan Carlos Iglesias Zoido, a frequência com que Ciro, o Grande exorta apenas seus capitães é uma justificativa para uma polêmica passagem da *Ciropedia* (3.3.48-55) em que o conquistador persa, apesar de ter autoria de diversas arengas militares ao longo da obra, menciona para Crisantas, um de seus comandantes, a inutilidade das arengas militares. Considerando que Ciro, o Grande é a personificação do general e estadista ideais, é difícil conceber que ele possa ter uma opinião diversa a respeito da utilidade das arengas, do que o protagonista da *Anábase*, o próprio Xenofonte.

Este trabalho, apropriando-se de uma tipologia, assim como Zoido, propõe uma explicação alternativa para tal passagem contraditória, que por sua vez explica as concepções do autor em torno das arengas militares.

De uma forma geral, o *éthos* do general exemplar, presente nas duas obras, exorta um discurso quando possui identidade com o auditório para formular um discurso deliberativo, além de epidíctico. Os discursos meramente de caráter epidícticos, ou seja, aqueles que almejam motivar apenas por serem belos – como é o caso do discurso do rei assírio que exorta

para um auditório verdadeiramente multiétnico – não costumam surtir efeito. Existe a exceção de um caso específico que compreende a *epipoleis* ao final da trama, o que parece constituir um padrão nas obras de Xenofonte que contam com arengas militares em sua composição. Nas três obras, *Anábase*, *Ciropedia* e *Hellênica*, ocorre uma batalha voltada para o final da história em que um general exorta um discurso em uma revista de tropas. São as únicas *epipoleis* no trabalho de Xenofonte que dispõem mais do que breves palavras.

Analisar a noção de pertencimento nas obras com o método comparativo de análise retórica entre obras deu luz a novos problemas, como passagens contraditórias nas obras e a necessidade de compreender padrões literários. De uma forma ou de outra, a retórica continua sendo a ferramenta, a meu ver, mais adequada para tal.

A investigação a respeito das arengas militares é uma área vasta e cheia de pontos interessantes a serem pesquisados mais profundamente, assim como o são os estudos em torno da retórica, nos quais se destaca a adoção dos conceitos de Michel Meyer, que contribuiu muito para esta pesquisa, considerando que negociar a diferença é significativamente propício para um estudo voltado à identidade comunitária. Espera-se que a utilização de tais premissas possa continuar auxiliando em futuras pesquisas sobre o tema.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, José Costa D'Assunção. A Escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento. In: **Revista História em Reflexão**. Vol. 4 n. 8 – UFGD - Dourados, jul/dez 2010.
- BRIZZI, Giovanni. **Guerreiro, o soldado e o Legionário**. Os exércitos no mundo clássico. São Paulo: Madras, 2003.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia**. 2 ed: São Paulo: UNESP, 2010.
- CARLAN, Claudio Umpierre et al. (Org.). **História militar do Mundo Antigo: guerras e culturas**. São Paulo: Annablume; São Paulo: Fapesp; Campinas: Unicamp, 2012.
- CARVALHO, Margarida Maria de et al. (Org.). **História militar do Mundo Antigo: guerras e representações**. São Paulo: Annablume; São Paulo: Fapesp; Campinas: Unicamp, 2012.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **A cidade-estado antiga**. São Paulo, Ática, 1985.
- CARTLEGDE, Paul. **História ilustrada da Grécia Antiga**. São Paulo: EDIOURO, 2002.
- CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto**. Vol. II: Os domínios do homem. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- CENTENO, D.C *et al.*, Apêndice I: Corpus de Arengas de la Historiografía Grecolatina. In: ZOIDO, J. C. Iglesias (dir.). **Retórica e Historiografía. El discurso militar en la historiografía desde la Antigüedad hasta el Renacimiento**, Madrid: Ediciones Clásicas, 2007.
- CERDAS, Emerson. **A Ciropedia de Xenofonte: um romance em formação na antiguidade**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2011.
- CÍCERO, Marco Tulio. **Manual do candidato às eleições, Carta do bom administrador público, Pensamentos políticos selecionados**. São Paulo: Nova Alexandria, 2000. (Introdução, tradução e notas de Ricardo Cunha Lima). p. 85.
- DAVID HANSON, Víctor. **El arte de la guerra en el mundo antiguo: de la guerra de los persas a la caída de Roma**, Silvia FURIÓ (trad.), Barcelona: Crítica, 2012.
- FUNARI, Pedro Paulo et al. (Org.). **História militar do Mundo Antigo: guerras e identidades**. São Paulo: Annablume; São Paulo: Fapesp; Campinas: Unicamp, 2012.
- GINZBURG, Carlo. **Relações de força**. História, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HANSON, Mogens Herman. The Little Grey Horse: Henry V's Speech at Agincourt and Battle Exhortation in Ancient Historiography. **Histos**: 2, p.1-14, out. 1991. Disponível em: <<http://research.ncl.ac.uk/histos/documents/1998.02HansenTheLittleGreyHorse4663.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2015.

HANSON, Victor Davis. **Por que o Ocidente venceu.** Massacre e cultura – da Grécia ao Vietnã. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2002.

HARTOG, François. **Os Antigos, o passado e o presente.** Brasília: UnB, 2003.

HERÓDOTO. **História.** Trad. J. Brito Broca. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1953, 2º volume. (Clássicos da Jackson - vol. XXIV).

HUTCHINSON. **Xenophon and the art of command.** Londres: Greenhill Books: Pensilvânia: Stackpole books, 2000.

JAEGER, Werner Wilhelm, 1888-1961. **Paidéia:** a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. 4ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JONES, Peter. **O mundo de Atenas.** Uma introdução à cultura clássica ateniense. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KENNEDY, G.A. **La retórica clásica y su tradición cristiana y secular, desde la Antigüedad hasta nuestros días.** Logroño: Riojanos, 2003.

LAERCIO, Diógenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres.** Trad. Mario da Gama Kury. Brasília. Ed.Unb, 1977.

LIVERANI, Mário. **El antiguo oriente.** História, sociedade y economía. Barcelona: Crítica, 1995.

MEYER, Michel. **A Retórica.** São Paulo: Ática, 2007.

_____. **Questões de retórica:** linguagem, razão e sedução. Lisboa: Edições 70, 1998.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Arnaldo. **Ensayos de historiografía antigua y moderna.** México: Fondo de Cultura Económica, 1993 (1970).

MOSCA, L.S, Apresentação. In: MEYER, Michel. **A Retórica.** São Paulo: Ática, 2007.

MOSSÉ, Claude. **Atenas:** a história de uma democracia. Brasília: UnB, 1982.

PAULINELLI, Maysa de Pádua Teixeira. Retórica, argumentação e discurso em retrospectiva. In: **Linguagem em (Dis)curso**– LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 2, p. 391-409, maio/ago. 2014.

PERELMAN, C., OLDEBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação** - a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REBOUL, O. **Introdução à retórica.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.(Col. Justiça e Direito)

VARANDAS, José. O Hoplita e a Falange. **O Triunfo da Infantaria Simétrica no Mundo Antigo**. In: SANTOS, A. R. dos; VARANDAS, J. A Guerra na Antiguidade III. Lisboa: Caleidoscópio, 2010.

VERNANT, Jean Pierre. **As origens do pensamento grego**. 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1984.

XEONOFONTE. **Ciropedia**. Trad. João Félix Pereira. Rio de Janeiro: Editora W.M. Jackson, v1, 1964.(Coleção Clássicos Jackson.)

XENOFONTE. **A Retirada dos Dez Mil**. Tradução e Prefácio de Aquilino Ribeiro. Amadora, Livraria Bertrand: 1957.

ZOIDO, J. C. Iglesias (dir.). **Retórica e Historiografía**. El discurso militar em la historiografía desde la Antigüedad hasta el Renacimiento. Madrid: Ediciones Clásicas, 2007.

ZOIDO, Juan Carlos Iglesias. La arenga militar en Jenofonte: a propósito de Ciropedia 3.3.48-55. **Norba: Revista de historia**, Extremadura, v. 16, n. 1, p.157-166, 2003. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=809535>>. Acesso em: 25 nov. 2015..

ZOIDO, Juan Carlos Iglesias. The pre-battle speeches of Alexander at Issus and Gaugamela. **Greek, Roman, And Byzantine Studies**, [s.i], v. 50, n. 2, p.215-241, dez. 2010. Disponível em: <<http://grbs.library.duke.edu/article/view/1441>>. Acesso em: 02 out. 2015.